Jean Genet
O Balcão

folio

Jean Genet

O BALCÃO

Título original:

Le balcon

Tradução:

Jaqueline Castro

Martim Gonçalves

PERSONAGENS

O Bispo

O Juiz

O Carrasco: Arthur

O General

O Chefe de Polícia

O Velho

Roger

O Homem

Um dos Revoltosos

O Enviado

O Primeiro Fotógrafo

O Segundo Fotógrafo

O Terceiro Fotógrafo

O Mendigo: O Escravo

Irma: A Rainha

A Mulher

A Ladra

A Moça

Carmen

Chantal

Primeiro Quadro

Cenário

No teto, um lustre que será sempre o mesmo, a cada quadro. O cenário parece representar uma sacristia, formada por três biombos de cetim, vermelho sangue. No biombo do fundo dispõe-se de uma porta. Em cima, um enorme crucifixo espanhol, desenhado em trompe-l'oeil. Na parede da direita, um espelho – cuja moldura é dourada e esculpida – reflete uma cama desfeita que, se o cômodo tivesse uma disposição lógica, se encontraria na sala, nas primeiras poltronas. Uma mesa com um cântaro. Uma poltrona amarela. Sobre a poltrona: uma calça preta, uma camisa, um paletó. O Bispo, de mitra e capa dourada, está sentado na poltrona. Ele é nitidamente mais alto que o normal. O papel será desempenhado por um ator que subirá em andas de ator trágico de cerca de cinquenta centímetros de altura. Seus ombros, sobre os quais se assenta a capa, serão ampliados ao máximo, de modo que, ao subir do pano, apareça desmesurado e hirto como um espantalho. Seu rosto está exageradamente caracterizado. Ao lado, uma mulher bastante jovem, muito maquiada e vestida com um quimono de renda, enxuga as mãos numa toalha. Em pé, uma mulher de uns quarenta anos, morena, rosto severo, vestida de um sóbrio vestido preto. É Irma. Um chapéu de presilha apertada, como um capacete militar.

O BISPO *(Sentado na poltrona, no meio do palco, com uma voz cava, mas veemente)* – Na verdade, não é tanto a doçura nem a unção que deveriam definir um prelado, porém a mais rigorosa inteligência. O coração nos leva à perdição. Cremos ser donos de nossa bondade: nós somos escravos de uma serena languidez. É ainda de outra coisa que se trata, não de inteligência. *(Hesita)* Seria de crueldade. E além dessa crueldade – e através dela – um caminhar hábil, vigoroso em direção à Ausência. Em direção à Morte. Deus? *(Sorrindo)* Eu vos vejo chegar! *(Para sua mitra)* Tu, mitra em forma de chapéu de bispo, saiba bem que se meus olhos se fecharem pela última vez, o que verei, por trás das minhas pálpebras, és tu, meu belo chapéu dourado... Sois vós, belos ornamentos, capas, rendas...

IRMA *(Com brutalidade)* – O que foi dito está dito. Quando a sorte está lançada... *(Durante todo o quadro ela se deslocará pouco. Está muito perto da porta)*

O BISPO *(Muito suave, afastando Irma com um gesto)* E os dados jogados...

IRMA – Não. Dois mil, é dois mil, e nada de conversa. Ou me zango. E não está nos meus hábitos... Contudo, se está em apuros...

O BISPO *(Seco e jogando a mitra)* – Obrigado.

IRMA – Não vai quebrar nada. Isto ainda vai ter utilidade. *(À mulher)* Guarde. *(Coloca a mitra na mesa, perto do cântaro)*

O BISPO *(Depois de um profundo suspiro)* – Disseram-me que essa casa vai ser sitiada. Os revoltosos já atravessaram o rio.

IRMA *(Preocupada)* – Há sangue por toda parte... O senhor vai seguindo pelo muro do Arcebispado e entra na Rue de la Poissonnerie... *(De repente ouve-se um terrível grito de dor, de uma mulher que não se vê. Aborrecida)* Eu tinha recomendado que fossem silenciosos. Felizmente tomei a precaução de tapar as janelas com uma cortina acolchoada. *(Subitamente amável, insidiosa)* E o que é que foi executado esta noite? Benção? Oração? Missa? Adoração perpétua?

O BISPO *(Grave)* – Não fale disso agora. Está acabado. Só penso em voltar... A senhora diz que a cidade está em sangue...

A MULHER *(Interrompendo)* – Benção, madame. Em seguida, minha confissão...

IRMA – E depois?

O BISPO – Basta.

A MULHER – Foi só. E no final, minha absolvição.

IRMA – Então, ninguém pode assistir? Nem sequer uma vez?

O BISPO *(Assustado)* – Não. Estas coisas devem permanecer e permanecerão secretas. Já é

indecente falar enquanto se despem. Ninguém. E que todas as portas estejam fechadas. Bem fechadas, cerradas, abotoadas, amarradas, afiveladas, costuradas...

IRMA – Eu só estava lhe pedindo...

O BISPO – Costuradas, madame Irma.

IRMA *(Aborrecida)* – Permite ao menos que me preocupe... profissionalmente? Eu já disse: dois mil.

O BISPO *(Sua voz de repente se clarifica, torna-se precisa, como se acordasse. Mostra um pouco de irritação)* – Não deu para cansar. Apenas seis pecados, e longe de serem os meus preferidos.

A MULHER – Seis, mas capitais! E tive dificuldades para encontrá-los.

O BISPO *(Preocupado)* – O quê, eram falsos?

A MULHER – Todos verdadeiros! Refiro-me à dificuldade que tive em cometê-los. Se o senhor soubesse o que é necessário atravessar, ultrapassar, para chegar à desobediência...

O BISPO – Eu não duvido. A ordem do mundo está tão tumultuada que tudo é permitido – ou quase tudo. Mas se os seus pecados eram falsos, pode dizer agora.

IRMA – Ah, não. Posso até ouvir suas reclamações quando voltar. Não. Eram verdadeiros. *(À mulher)* Desamarre-lhe os cordões. Descalce-o. E quando tornar vesti-lo, que não se resfrie. *(Ao Bispo)* O senhor quer um grogue, uma bebida quente?

O BISPO – Obrigado. Não tenho tempo. Eu preciso ir-me. *(Sonhador)* Sim, seis, mas capitais!

IRMA – Aproxime-se, vamos despi-lo!

O BISPO *(Suplicante, quase de joelhos)* – Não, não, ainda não.

IRMA – Está na hora. Vamos! Depressa! Mais depressa!

(Todos continuam a falar enquanto despem-no. Ou melhor, retiram apenas os alfinetes, desamarram os cordões que parecem prender a capa, a estola e a sobrepeliz)

O BISPO *(Para a mulher)* – Os pecados, você realmente os cometeu?

A MULHER – Sim.

O BISPO – Fez mesmo os gestos? Todos os gestos?

A MULHER – Fiz.

O BISPO – Quando você se aproximava de mim estendendo seu rosto, eram realmente de fogo os reflexos que o iluminavam?

A MULHER – Sim.

O BISPO – E quando minha mão com o anel santo pousava sobre sua testa perdoando...

A MULHER – Sim.

O BISPO – E que meu olhar mergulhava em seus belos olhos?

A MULHER – Sim.

IRMA – E nos seus belos olhos, Monsenhor, passou pelo menos o arrependimento?

O BISPO *(Levantando-se)* – A galope. Mas, será que eu procurava o arrependimento? Vi o

lívido desejo de culpa. E inundando-a, o mal subitamente a batizou. Seus grandes olhos abriram-se sobre o abismo... uma palidez de morte tornava mais vivo – sim, madame Irma – tornava mais vivo seu rosto. Mas nossa santidade só existe na medida em que perdoamos os pecados de vocês. E se fossem fingidos?...

A MULHER *(Subitamente coquete)* – E se meus pecados fossem verdadeiros?

O BISPO *(Em um tom diferente, menos teatral)* – Você está louca! Espero que realmente não tenha feito aquilo tudo.

IRMA *(Ao Bispo)* – Não lhe dê ouvidos. Quanto a seus pecados, tranquilize-se. Aqui não há...

O BISPO *(Interrompendo)* – Eu sei. Aqui não há a possibilidade de praticar o mal. Vocês vivem no mal. Na ausência de remorsos. Como poderiam praticar o mal? O Diabo atua. E aí que o reconhecemos. É o grande Ator. E foi por isso que a Igreja amaldiçoou os comediantes.

A MULHER – O senhor tem medo da realidade, não é?

O BISPO – Se fossem verdadeiros, seus pecados seriam crimes e eu estaria numa enrascada.

A MULHER – O senhor chamaria a polícia?

(Irma continua a despi-lo. Porém, mantém a capa sobre os ombros)

IRMA – Deixe-o em paz. Chega de perguntas. *(Ouve-se novamente o mesmo grito terrível)* Eles, novamente! Vou fazê-los calar.

O BISPO *(Aproximando-se lentamente do espelho, para diante dele)* – ... Mas responde, espelho, responde. Será que venho aqui descobrir o mal e a inocência? *(Para Irma, muito suavemente)* Saia! Deixe-me só!

IRMA – É tarde. O senhor não vai poder mais sair sem perigo...

O BISPO *(Suplicante)* – Um minuto, apenas.

IRMA – Há duas horas e vinte minutos que o senhor está aqui. Isto é, vinte minutos a mais...

O BISPO *(Subitamente colérico)* – Deixe-me só. Escute por detrás das portas se quiser, sei que costuma fazê-lo, e volte quando eu tiver acabado. *(As duas mulheres saem suspirando, com ar cansado. O Bispo fica só, depois de fazer um visível esforço para acalmar-se, diante do espelho e segurando a sobrepeliz)* ... Responde-me espelho, responde. Será que venho aqui descobrir o mal e a inocência? E em suas faces douradas, que era eu? Nunca, que Deus seja testemunha, nunca desejei o trono episcopal. Tornar-me bispo – elevando-me às custas de virtudes ou de vícios – significou afastar-me da dignidade definitiva de bispo. Explico: *(O Bispo falará num tom muito exato, como se seguisse um raciocínio lógico)* para tornar-me Bispo, foi preciso que me obstinasse em não sê-lo, mas agisse como se o fosse. Uma vez Bispo, a fim de sê-lo, foi necessário – a fim de sê-lo para mim, é claro! – foi necessário que não esquecesse de não sê-lo para que pudesse exercer minha função. *(Segura a aba de sua sobrepeliz, beijando-a)* Oh rendas, rendas, feitas por tantas e pequenas mãos para esconder tantos colos ofegantes, colos fartos, e rostos, e cabelos, vós me ilustrais com ramos e flores! Recomecemos. Mas – aí está o hic! *(Ri)* Agora, falo latim! – uma função é uma função. Não é uma maneira de ser. Ora, bispo é uma maneira de ser. É um encargo. Um fardo. Mitras, rendas, tecidos de ouro e de pedrarias, genuflexões... A função que vá à merda!

(Crepitar de metralhadoras)

IRMA *(Passando a cabeça pela porta, entreaberta)* – O senhor acabou?

O BISPO – Mas deixe-me, com os diabos. Suma-se. Estou me interrogando. *(Irma torna a fechar a porta)* A majestade, a dignidade, iluminando minha pessoa, não encontram sua origem nas atribuições da minha função. – Tampouco, céus! em meus méritos pessoais. – A majestade, a dignidade que me iluminam advêm de um brilho mais misterioso: é que o bispo precede-me. Falei-te claro, espelho, imagem dourada, decorada como uma caixa de charutos mexicanos? E quero ser bispo na solidão, unicamente pela aparência... E para destruir toda e qualquer função, quero trazer o escândalo e liquidar-te, puta, sacana, peidona e piranha...

IRMA *(Voltando)* – Agora, basta. É preciso partir.

O BISPO – Vocês estão loucas, ainda não terminei.

(As duas mulheres entraram)

IRMA – O senhor sabe que não estou procurando brigas para me divertir, mas não há tempo a perder... Estou lhe repetindo que há perigo para todos permanecerem na rua.

(Ruído de metralhadora, ao longe)

O BISPO *(Amargo)* – Vocês estão pouco ligando para a minha segurança e quando tudo termina vocês estão pouco ligando para o resto do mundo!

IRMA *(Para a Mulher)* – Não lhe dê ouvidos. Dispa-o. *(Ao Bispo, que desceu de seus coturnos e tem agora as dimensões normais de um ator, do mais banal dos atores)* Ajude, o senhor está todo tenso.

O BISPO *(Com ar idiota)* – Estou tenso? Tensão solene! Imobilidade definitiva...

IRMA *(À Mulher)* – Dê-lhe o casaco...

O BISPO *(Olhando seus trapos que se amontoam pelo chão)* – Ornamentos, rendas, através de vós regresso a mim mesmo. Reconquisto um domínio. Bloqueio uma antiga praça-forte da qual fora expulso. Instalo-me numa clareira onde, enfim, o suicídio é possível. O julgamento depende de mim e eis-me aqui, frente a frente com minha morte.

IRMA – É bonito, mas é preciso ir embora. O senhor deixou seu carro à porta principal, perto do pilar...

O BISPO *(Para Irma)* – Já que o nosso Chefe de Polícia, este pobre incapaz, nos deixa massacrar pela gentalha! *(Voltando-se para o espelho e declamando)* Ornamentos! Mitras! Rendas! Capa dourada, tu, principalmente tu, me protegeste do mundo. Onde estão minhas pernas, onde estão meus braços? Que fazem minhas mãos sob tuas abas de brocados, cintilantes? Inábeis para qualquer coisa que não seja o esboço de um gesto flutuante tornaram-se cotos dê asas – não de anjos, mas de galinhas-d'angola – capa austera, permites que no calor e na escuridão se alimente a mais terna, a mais luminosa doçura. Minha caridade, que vai inundar o mundo, foi sob esta carapaça que a destilei... Como uma faca, minha mão algumas vezes aparecia para abençoar? Ou cortar, decepar? Cabeça de tartaruga, minha mão afastava as abas.

Tartaruga, ou víbora prudente? E voltava à gruta. Dentro, minha mão sonhava... Ornamentos, capas douradas...

(O cenário se desloca da esquerda para a direita, como se penetrasse nos bastidores. Aparece então o quadro seguinte)

Segundo Quadro

Cenário

Mesmo lustre. Três biombos, marrons. Paredes nuas. Mesmo espelho, à direita, no qual reflete-se a mesma cama desfeita do primeiro quadro. Uma mulher, jovem e bela, parece algemada, punhos atados. Sua roupa, de musselina, está esfarrapada. Os seios à mostra. De pé, diante dela, o carrasco. É um gigante, nu até à cintura. Muito musculoso. Seu chicote passa por detrás da fivela de seu cinto, pelas costas, como se tivesse um rabo. Um Juiz que, ao levantar-se, parecerá descomunal, também ele encompridado por andas, invisíveis sob seu traje, e o rosto maquilado, de bruços, rasteja em direção da mulher que aos poucos vai recuando.

A LADRA *(Estendendo o pé)* – Ainda não! Lambe! Lambe primeiro...

(O Juiz faz um esforço para arrastar-se mais ainda, depois se levanta e, lentamente, penosamente feliz, vai sentar-se em um escabelo. A ladra, esta mulher acima descrita, muda de atitude e, de dominadora, torna-se humilde)

O JUIZ *(Severo)* – Então você é uma ladra! Foi surpreendida... Quem? A polícia... Você esquece que uma rede sutil e sólida, meus tiras de aço, controlam todos os seus gestos? Insetos de olhos vivos, montados em seus tentáculos, eles vigiam. A todas! E todas, prisioneiras, são trazidas ao tribunal... Que tem a declarar? Você foi surpreendida... Sob sua saia... *(Ao Carrasco)* Passe-lhe a mão por debaixo da anágua, encontrará o famoso bolso Canguru. *(À ladra)* Que você enche com tudo o que abafa sem nem escolher. Porque você é insaciável e neca de discernimento. Além disso, você é uma idiota... *(Ao carrasco)* Que é que tinha nesse famoso bolso Canguru? Nesta enorme pança?

O CARRASCO – Perfumes, Senhor Juiz, uma lanterna, uma lata de flit, laranjas, vários pares de meias, ouriços, uma toalha, uma *écharpe*. *(Ao Juiz)* O senhor está me ouvindo? Estou dizendo: uma *écharpe*.

O JUIZ *(Sobressaltando-se)* – Uma écharpe? Ah, ah, então é isso. E para que, a *écharpe*?

Hein, para quê? Estrangular alguém? Responda. Estrangular quem? Você é uma ladra ou uma estranguladora? *(Muito doce, implorando)* Diga, meu bem, suplico-lhe, diga que você é uma ladra.

A LADRA – Sim, Senhor Juiz!

O CARRASCO – Não!

A LADRA *(Olhando-o, espantada)* – Não?

O CARRASCO – Isso é para depois.

A LADRA – Hein?

O CARRASCO – Estou dizendo: a confissão tem sua hora. Agora, negue.

A LADRA – Para ser mais espancada?

O JUIZ *(Melífluo)* – Justamente, meu bem: para ser espancada. Primeiro você deve negar, depois confessar e arrepender-se. De seus belos olhos quero ver jorrar a água morna. Oh! Quero que fique encharcada. Poder das lágrimas!... Onde está meu código? *(Procura sob sua toga e pega um livro)*

A LADRA – Já chorei...

O JUIZ *(Finge ler)* – À custa de pancadas. Quero lágrimas de arrependimento. Depois de vê-la molhada como um prado, estarei satisfeito.

A LADRA – Não é fácil. Ainda há pouco tentei chorar...

O JUIZ *(Deixando de ler, num tom semiteatral, quase familiar)* – Você é bem jovem. É nova? *(Preocupado)* Mas não é menor?

A LADRA – Não, não senhor...

O JUIZ – Trate-me de Senhor Juiz. Desde quando está aqui?

O CARRASCO – Desde ontem, Senhor Juiz.

O JUIZ *(Retomada do tom teatral e retomada da leitura)* – Deixe-a falar. Gosto dessa voz sem consistência, dessa voz dispersa... Escute: é preciso que você seja uma ladra modelo se quiser que eu seja um juiz modelo. Falsa ladra, torno-me um falso juiz. Está claro?

A LADRA – Está, Senhor Juiz.

O JUIZ *(Continuando a ler)* – Bem. Até agora tudo bem. Meu carrasco espancou com força... pois também ele tem sua função. Estamos ligados: você, ele e eu. Por exemplo, se ele não espancasse, como é que eu poderia impedi-lo de espancar? Portanto, deve bater para que eu intervenha e prove minha autoridade. E você, deve negar para que ele bata... *(Ouve-se um ruído: alguma coisa deve ter caído no cômodo ao lado. Tom natural)* Que foi? As portas estão bem fechadas? Alguém pode nos ver e nos ouvir?

O CARRASCO – Não, não, esteja tranquilo. Puxei o ferrolho. *(Vai examinar um enorme ferrolho na porta do fundo)* E o corredor está interditado.

O JUIZ *(Tom natura)* – Tem certeza?

O CARRASCO – Posso garantir. *(Põe a mão no bolso)* Posso dar uma tragada?

O JUIZ *(Tom natural)* – Fume, o cheiro de fumo me inspira. *(Mesmo ruído de há pouco)* Oh, mas o que está acontecendo? O que está acontecendo? Não posso ficar em paz? *(Levanta-se)* Mas o que é?

O CARRASCO *(Seco)* – Nada. Com certeza deixaram cair alguma coisa. É o senhor que está nervoso.

O JUIZ *(Entonação natural)* – É possível, mas é este nervosismo que me esclarece. Mantém-me acordado. *(Levanta-se e aproxima-se do tabique)* Posso olhar?

O CARRASCO – Apenas uma olhadela porque já está ficando tarde. *(O carrasco dá de ombros, pisca o olho para a ladra e esta faz o mesmo)*

O JUIZ *(Depois de ter olhado)* – Está iluminado. Brilhando... mas vazio.

O CARRASCO *(Dando de ombros)* – Vazio!

O JUIZ *(Com uma entonação ainda mais familiar)* – Você parece preocupado. Alguma novidade?

O CARRASCO – Esta tarde, pouco antes de sua chegada, três pontos estratégicos caíram em mãos dos revoltosos. Provocaram vários incêndios: Nenhum bombeiro acudiu. Tudo pegou fogo. O Palácio...

O JUIZ – E o Chefe de Polícia? Deixando o barco correr, como de costume?

A LADRA – Há quatro horas que não temos notícias dele. Se conseguir fugir, certamente virá para cá. Está sendo esperado a qualquer momento.

O JUIZ *(À ladra, sentando-se)* – De qualquer maneira, que não tenha esperanças de atravessar a ponte da Rainha – explodiu esta noite.

A LADRA – Já sabíamos. Daqui, ouvimos a explosão.

O JUIZ *(Retomada do tom teatral. Lê no Código)* – Enfim, prossigamos. Assim, aproveitando-se do sono dos justos, aproveitando-se do cochilo, você avança, afana, abafa e arranca...

A LADRA – Não, Senhor Juiz, jamais...

O CARRASCO – Baixo a lenha?

A LADRA *(Gritando)* – Arthur!

O CARRASCO – Que é que há com você? Não se dirija a mim. Responda ao Senhor Juiz. E me trate de Senhor Carrasco.

A LADRA – Está bem, Senhor Carrasco.

O JUIZ *(Lendo)* – Prossigo: você roubou?

A LADRA – Roubei, sim, Senhor Juiz.

O JUIZ *(Lendo)* – Bem. Agora responda depressa, e corretamente: que mais roubou?

A LADRA – Pão, porque tinha fome.

O JUIZ *(Levanta-se e deixa o livro)* – Sublime! Função sublime! Terei de julgar tudo isto. Oh, menina, você me reconcilia com o mundo. Juiz! Serei Juiz de seus atos! É de mim que dependem a balança, o equilíbrio. O mundo é uma maçã, corto-a em dois: os bons e os maus. E você aceita, obrigado, você aceita ser a má! *(De frente para o público)* Estou diante de vós: mãos vazias, bolsos vazios, arranquem a podridão e joguem-na fora! Mas é um ofício penoso. Se cada julgamento fosse pronunciado com seriedade, me custaria a vida. É por isso que estou morto. Vivo nesta região da exata liberdade. Rei dos Infernos, peso os que estão mortos, como eu. Você está morta como eu.

A LADRA – O senhor me dá medo.

O JUIZ *(Com muita ênfase)* – Cale-se. Nas profundezas do Inferno, separo os humanos que por lá se aventuram. Uns para as chamas, outros para os campos de lilases. Tu, ladra, espiã, cadela, Minos te fala, Minos te pesa. *(Ao Carrasco)* Cérbero?

O CARRASCO *(Imitando cachorro)* – Au, au!

O JUIZ – És belo. E a presença de uma nova vítima te embeleza ainda mais. *(Levanta-lhe os lábios)* Mostra tuas presas terríveis. Brancas. *(De repente, parece preocupado. À ladra)* Espero que não esteja mentindo. Você realmente praticou estes roubos?

O CARRASCO – Não se preocupe. Ela nem precisava pensar em não fazer. Eu a arrastaria até lá.

O JUIZ – Estou quase chegando. Continue. Que roubou? *(Subitamente, um crepitar de metralhadora)* Isto não acaba nunca. Nem uma trégua.

A LADRA – Já lhe disse: a revolta dominou quase toda a zona Norte...

O CARRASCO – Cale a boca.

O JUIZ *(Irritado)* – Vai responder-me, sim ou não? Que mais roubou? Onde? Quando? Como? Quanto? Por quê? Para quem? Responda.

A LADRA – Muitas vezes penetrei nas casas durante a ausência das criadas, passando pela escada de serviço... Roubava nas gavetas, quebrava o cofre das crianças. *(Procura as palavras)* Uma vez, vesti-me de mulher honesta. Pus um tailleur marrom, um chapéu de palha preto com cerejas, um véu, e um par de sapatos pretos – de salto cubano – e então, entrei...

O JUIZ *(Apressadamente)* – Onde? Onde? Onde? Onde-onde-onde? Onde entrou?

A LADRA – Não sei mais, desculpe.

O CARRASCO – Bato?

O JUIZ – Ainda não. *(À moça)* Onde entrou? Diga-me, onde?

A LADRA *(desorientada)* – Juro, não sei mais.

O CARRASCO – Bato, Senhor Juiz, bato?

O JUIZ *(Ao carrasco e aproximando-se dele)* – Ah! Ah! Seu prazer depende de mim. Gosta de bater, hein? Estou satisfeito, Carrasco! Magistral amontoado de carne, quarto de lombo que uma simples palavra minha é bastante para fazer mover-se. *(Simula mirar-se no carrasco)* Espelho que me glorifica! Imagem que posso tocar, eu te amo. Eu nunca teria força nem jeito para deixar lanhos de fogo em suas costas. Aliás, que poderia fazer com tanta força e jeito? *(Toca-o)* Estás aí? Estás aí, meu braço enorme, pesado demais para mim, grosso demais, gordo demais para meu ombro e que, sozinho, caminha a meu lado! Braço, peso de carne, sem ti eu não seria nada... *(À ladra)* Sem você também não, menina. Vocês são meus dois complementos perfeitos... Ah, que belo trio formamos! *(À ladra)* Mas você tem um privilégio em relação a ele; aliás, em relação a mim também: o da anterioridade. Meu ser Juiz é uma emanação de seu ser ladra. Bastaria que você recusasse... mas não se atreva!... que você recusasse a ser quem é – o que é, logo, quem é – para que eu deixe de existir... desapareça, evaporado. Estourado. Volatilizado. Negado. Donde: o Bem proveniente do... Então? Então? Você não recusará, não é mesmo? Não recusará ser ladra? Seria errado. Seria criminoso. Você me impediria de ser! *(Implorando)* Diga, meu bem, meu amor, você não recusará?

A LADRA *(Dengosa)* – Quem sabe?

O JUIZ – Como? Que está dizendo? Recusaria? Diga-me onde. E diga-me também o que roubou.

A LADRA *(Seca, erguendo-se)* – Não.

O JUIZ – Diga-me onde. Não seja cruel.

A LADRA – Não me chame de você, sim?

O JUIZ – Senhorita... Senhora. Peço-lhe. *(Ajoelha-se)* Veja, suplico-lhe. Não me deixe nesta posição, esperando para ser juiz. Se não houvesse juiz, onde iríamos parar? Mas se não houvesse ladrões...

A LADRA *(Irônica)* – E se não houvesse?

O JUIZ – Seria terrível. Mas a senhora não fará isto comigo, não é? Que não existam! Compreenda: que você se esconda tanto tempo quanto puder e meus nervos aguentarem por trás da recusa de confessar; que, maliciosamente, você me faça perecer, tripudiar, se quiser, agitar, babar, suar, relinchar de impaciência, rastejar... quer que eu rasteje?

O CARRASCO *(Ao Juiz)* – Rasteje!

O JUIZ – Sinto-me orgulhoso!

O CARRASCO *(Ameaçador)* – Rasteje! *(O Juiz, que estava ajoelhado, deita-se de bruços e rasteja suavemente em direção à ladra. À medida que avançar rastejando, a ladra recuará)* Está certo. Continue.

O JUIZ *(À ladra)* – É justa, sua tratante, fazer-me rastejar em busca de meu ser de Juiz, mas se você recusasse definitivamente, seria criminoso, sua safadinha...

A LADRA *(Altaneira)* – Trate-me de senhora e queixe-se polidamente.

O JUIZ – Obteria o que desejo?

A LADRA *(Coquete)* – Custa caro roubar.

O JUIZ – Eu pago! Eu pago o que for preciso, minha senhora. Porque se não tivesse mais que separar o Bem do Mal, para que serviria eu? Responda.

A LADRA – É o que me pergunto.

O JUIZ *(Infinitamente triste)* – Há pouco ia ser Minos. Meu Cérbero latia. *(Ao carrasco)* Você se lembra? *(O carrasco interrompe o juiz jazendo estalar o chicote)* Como você era cruel, mau! Bom! E eu, impiedoso. Ia encher os Infernos de condenados, encher as prisões. Prisões! Prisões! Prisões, calabouços, lugares abençoados onde o mal é impossível porque são a encruzilhada de toda a maldição do mundo. Não se pode cometer o mal no mal. Agora, não é condenar o que mais desejo, é julgar. *(Tenta reerguer-se)*

O CARRASCO – Rasteje! E rápido, que tenho de me vestir.

O JUIZ *(À moça)* – Minha senhora! Minha senhora, aceite, peço-lhe. Estou pronto a lamber seus sapatos com minha língua, mas diga-me que é uma ladra...

A LADRA *(Num grito)* – Ainda não! Lambe! Lambe! Lambe primeiro!

(O cenário se desloca da esquerda para a direita, como no fim do quadro precedente, e penetra nos bastidores da direita. Ao longe, crepitar de metralhadoras)

Terceiro Quadro

Cenário

Três biombos na mesma disposição dos precedentes, mas verde-escuros. O mesmo lustre. O mesmo espelho refletindo a cama desfeita. Numa poltrona, um cavalo desses que são usados pelos bailarinos folclóricos – com um saiote pregueado. No aposento, um senhor, de aparência tímida. É o General. Tira o paletó, depois o chapéu de côco e as luvas. Irma está perto dele.

O GENERAL *(Mostra o chapéu, o paletó e as luvas)* – Que não fiquem por aí.

IRMA – Serão dobrados, embrulhados...

O GENERAL – Que desapareçam.

IRMA – Vou guardá-los. E até queimá-los.

O GENERAL – Ah, sim, é mesmo, gostaria que queimassem! Como as cidades, ao crepúsculo.

IRMA – O senhor notou alguma coisa no caminho?

O GENERAL – Passei por grandes perigos. O populacho explodiu barreiras, e bairros inteiros estão inundados. Principalmente o arsenal, de modo que as munições ficaram molhadas. E as armas enferrujaram. Tive de me desviar bastante – contudo, não tropecei em nenhum afogado.

IRMA – Eu não me permitiria indagar sobre suas opiniões. Todo mundo é livre e eu não me envolvo em política.

O GENERAL – Então, falemos de outra coisa. O importante é saber de que maneira sairei desta casa. Será tarde quando...

IRMA – A propósito de tarde...

O GENERAL – É verdade. *(Procura no bolso, retira algumas cédulas, conta e entrega a Irma que as conserva nas mãos)* Eu não estou para ser abatido no escuro, quando sair. Porque, naturalmente, não haverá ninguém para me acompanhar...

IRMA – Creio que não, infelizmente. Arthur não está livre.

(Um longo silêncio)

O GENERAL *(Subitamente impaciente)* – Mas... ela não vem?

IRMA – Não sei o que estará fazendo. Recomendei que tudo estivesse pronto à sua chegada. O cavalo já está aí... Vou chamar.

O GENERAL – Deixe que eu faço. *(Toca a campainha)* Gosto de tocar a campainha! Dá autoridade! Ah, o sinal de ataque!

IRMA – Daqui a pouco, meu General. Oh, desculpe, já estou lhe conferindo a patente... Daqui a pouco o senhor irá...

O GENERAL – Piss! Não fale nisso.

IRMA – O senhor tem uma força, uma juventude! Uma petulância!

O GENERAL – E esporas: Terei esporas? Pedi que as prendessem nas botas. Botas acaju, não é?

IRMA – Sim, meu General. Acaju. De verniz.

O GENERAL – De verniz, está bem, mas com lama.

IRMA – Lama e talvez um pouco de sangue. Mandei preparar as condecorações.

O GENERAL – Autênticas?

IRMA – Autênticas.

(De repente, um longo grito de mulher)

O GENERAL – O que é? *(Quer aproximar-se da parede da direita e já se abaixa para olhar, mas Irma intervém)*

IRMA – Não é nada. Há sempre imprevisto de um lado e de outro.

O GENERAL – E este grito? Um grito de mulher. Um chamado de socorro, quem sabe?

IRMA *(Glacial)* – Aqui, nada de complicações, acalme-se. Por enquanto, o senhor está à paisana.

O GENERAL – É verdade. *(Novo grito de mulher)* Mesmo assim, perturba. Além disso, atrapalha.

IRMA – Mas o quê estará fazendo?

(Vai tocar a campainha, mas pela porta do fundo entra uma jovem muito bonita, ruiva, cabelos soltos, despenteados. Seu colo está quase nu. Só usa um corpete preto, meias pretas e sapatos de saltos muito altos. Traz um uniforme completo de General, mais a espada, o chapéu de dois bicos e as botas)

O GENERAL *(Com severidade)* – Finalmente, chegou. Com meia hora de atraso. É o quanto basta para perder uma batalha.

IRMA – Ela compensará, meu General. Eu a conheço.

O GENERAL *(Olhando as botas)* – E o sangue? Não vejo sangue!

IRMA – Secou. Não se esqueça de que é o sangue de suas batalhas de outrora. Bem, vou deixá-los. Têm tudo que precisam?

O GENERAL *(Olhando à direita e à esquerda)* – A senhora esquece...

IRMA – Meu Deus! É verdade, ia me esquecendo.

(Coloca sobre a cadeira as toalhas que trazia no braço. Depois sai pelo fundo. O General vai até à porta, fechando-a à chave. Mas tão logo a porta é fechada, ouve-se bater. A moça vai abrir. Atrás, e ligeiramente contraído, o carrasco, suando, enxugando-se com uma toalha)

O CARRASCO – Madame Irma está aí?

A MOÇA *(Seca)* – No Roseiral. *(Corrigindo-se)* Perdão, na Capela Ardente. *(Fecha a porta)*

O GENERAL *(Aborrecido)* – Espero que me deixem em paz. E estás atrasado, que fazias? Não te deram a ração de aveia? Sorris? Sorris a teu cavaleiro? Reconheces sua mão, suave e segura? *(Agrada-a)* Meu bravo corcel! Bela égua! Juntos, galopamos tanto!

A MOÇA – E não é só! Quero ganhar o mundo com minhas patas nervosas, meus cascos ferrados. Tire as calças e os sapatos, para que eu possa vesti-lo.

O GENERAL *(Tomou da chibata)* – Sim, mas primeiro de joelhos! De joelhos! Vamos, vamos, dobra teus jarretes, dobra... *(A moça empina, solta um relincho de prazer e se ajoelha como um cavalo de circo diante do General)* Bravo! Bravo, minha pombinha! Não te esqueceste de nada. E agora, vais me ajudar e responder às minhas perguntas. E perfeitamente natural que uma boa potranca ajude seu dono a desabotoar-se, atirar as luvas, e que lhe

responda de fio a pavio. Então, começa desamarrando meus cordões.

(Durante toda a cena que se seguirá a moça ajudará o General a despir-se e, depois, a vestir-se de General. Quando este estiver completamente vestido, ver-se-á que assumiu proporções gigantescas, graças a uma trucagem teatral: andas invisíveis, ombros ampliados, rosto maquilado com exagero)

A MOÇA – Continua com o pé esquerdo inchado?

O GENERAL – Sim. É o pé da saída. É o que tripudia. Como a tua pata, quando estás contente.

A MOÇA – Mas o que é que estou fazendo? Desabotoe-se o senhor.

O GENERAL – Você é cavalo ou analfabeta? Se for cavalo, balance a cabeça. Ajude-me. Puxe. Puxe com menos força, você não é burro de carga.

A MOÇA – Faço o que devo.

O GENERAL – Revolta-se? Já? Espere que esteja pronto. Quando passar-lhe o freio pela boca...

A MOÇA – Ah, não, isso não.

O GENERAL – Um General sendo repreendido por seu cavalo! Terá o freio, a rédea, os arreios, a barrigueira, e eu, de botas, de capacete, chicoteio, ataco!

A MOÇA – O freio é terrível. Faz sangrar as gengivas e a comissura dos lábios. Vou babar sangue.

O GENERAL – Espumar rosa e peidar fogo! Mas que galope! Pelos campos de centeio, pelos campos de alfafa, pelos prados, caminhos empoeirados, pelos montes, deitados ou de pé, da aurora ao crepúsculo, e do crepúsculo...

A MOÇA – Ponha a camisa para dentro. Puxe as alças. Não é pouca coisa vestir um General vencedor e que vai ser enterrado. Quer o sabre?

O GENERAL – Que permaneça sobre a mesa, como o de Lafayette. Bem em evidência, mas esconda as roupas. Onde, não sei, mas deve existir um esconderijo previsto em algum lugar. *(A moça faz um pacote com as roupas e as esconde atrás da poltrona)* A túnica? Bem. Todas as medalhas estão aí? Conte.

A MOÇA *(Após haver contado, muito depressa)* – Todas, meu General.

O GENERAL – E a guerra? Onde está a guerra?

A MOÇA *(Muito suave)* – Aproxima-se, meu General. É noite num campo de macieiras. O céu está calmo e róseo. Uma súbita paz – o queixume das pombas – banha aterra, precedendo os combates. O ar é suave. Um fruto caiu sobre a relva. É uma pinha. As coisas prendem sua respiração. A guerra foi declarada. O tempo está bom...

O GENERAL – Mas de repente?

A MOÇA – Estamos à beira do prado. Contenho-me para não dar coices, nem relinchar. Suas coxas estão mornas e você comprime meu flanco. A morte...

O GENERAL – Mas de repente?...

A MOÇA – A morte é atenciosa. Dedo aos lábios, é ela, é ela, é ela que convida ao silêncio. Uma bondade derradeira ilumina as coisas. Você já está mais atento à minha presença...

O GENERAL – Mas de repente?

A MOÇA – Abotoe-se sozinho, meu General. A água estava imóvel nos açudes. O próprio vento esperava por uma ordem para enfunar as bandeiras...

O GENERAL – Mas de repente?...

A MOÇA – De repente? Hein? De repente? *(Parece procurar as palavras)* Ah, sim, de repente, ferro e fogo! As viúvas! Foi preciso tecer quilômetros de crepe para colocar nos estandartes. Sob seus véus, as mães e as esposas conservavam os olhos secos. Os sinos rolavam dos campanários bombardeados. Dobrando uma rua, um lençol azul assustou-me: empinei, mas, domado pela sua mão doce e pesada, meu tremor passou. Prossegui. Como eu te amava, meu herói!

O GENERAL – Mas... os mortos? Não havia mortos?

A MOÇA – Os soldados morriam beijando o estandarte. Você era todo vitórias e bondade. Uma tarde, lembra-se...

O GENERAL – Eu estava tão leve que me pus a nevar. A nevar sobre meus homens, a sepultá-los sob o mais terno dos sudários. A nevar. Berezina!

A MOÇA – Os estilhaços de granadas lanhavam os limões. Enfim, a morte agia. De um a outro, ágil, cavando uma chaga, apagando um olho, arrancando um braço, abrindo uma artéria, chumbando um rosto, cortando bruscamente um grito, um canto, a morte não aguentava mais. Finalmente, cansada, ela própria morta de cansaço, descansou, leve, sobre os seus ombros. Adormeceu.

O GENERAL *(Ébrio de alegria)* – Pare, pare, ainda não chegou o momento, mas sinto que será magnífico. O talabarte? Perfeito. *(Olha-se no espelho)* Austerlitz! General! Homem de guerra e de parada, eis-me na minha aparência mais pura. Nada, não deixo para trás nenhum contingente. Simplesmente, apareço. Se atravessei guerras sem morrer, se atravessei as misérias, sem morrer, se fui promovido sem morrer, foi para este minuto próximo à morte. *(Subitamente para, uma ideia parece preocupá-lo)* Diga-me, Pombinha...

A MOÇA – O quê, meu senhor?

O GENERAL – Onde está o Chefe de Polícia, a quantas anda? *(A moça faz com a cabeça um sinal negativo)* Nada? Sempre na mesma? Em suma, tudo lhe escapa entre os dedos. E nós, perdemos nosso tempo?

A MOÇA *(Imperiosa)* – Em absoluto. E de qualquer modo, não é de nossa conta. Continue. O senhor dizia: para este minuto próximo à morte... e depois?

O GENERAL *(Hesitando)* – ... próximo à morte... onde não serei nada, nada além de minha imagem, muito embora refletida ao infinito nestes espelhos... Tens razão, penteia tua crina. Escova-te. Exijo uma potranca bem vestida. Assim, daqui a pouco, ao chamado das trombetas, vamos descer – eu te cavalgando – ao encontro da glória e da morte, pois vou morrer. Trata-se realmente de uma descida à sepultura...

A MOÇA – Mas, meu General, o senhor está morto desde ontem.

O GENERAL – Eu sei... mas de uma descida solene e pitoresca, por inesperadas escadas...

A MOÇA – O senhor é um General morto, mas eloquente.

O GENERAL – Porque morto, cavalo tagarela. O que fala, e com voz tão bela, é o Exemplo. Não sou mais que a imagem daquele que fui. Agora, tua vez. Vais baixar a cabeça e esconder os olhos pois quero ser general na solidão. Nem mesmo para mim, mas para minha imagem, e minha imagem para sua imagem, e assim sucessivamente. Em suma, estaremos entre iguais. Pombinha, estás pronta? *(A moça sacode a cabeça)* Então, vem. Veste tua roupa baia, cavalo, meu belo *genet* de Espanha. *(O general passa-lhe o cavalo de brinquedo por cima da cabeça. Depois faz estalar seu chicote)* Salve! *(Saúda sua imagem no espelho)* Adeus, meu general!

(Depois se estende na poltrona, os pés sobre a cadeira, e cumprimenta o público conservando-se tão rígido quanto um cadáver. A moça coloca-se diante da cadeira e, neste mesmo lugar, esboça os movimentos de um cavalo andando)

A MOÇA *(Solene e triste)* – O desfile começou... Atravessamos a cidade... seguindo o rio. Estou triste... O céu está cerrado. O povo chora um herói, tão belo, morto na guerra...

O GENERAL *(Sobressaltando-se)* – Pombinha!

A MOÇA *(Desviando-se, em prantos)* – Meu general?

O GENERAL – Acrescenta que morri de pé! *(Depois retoma sua pose)*

A MOÇA – Meu herói morreu de pé! O desfile continua. Seus oficiais subalternos precedem-me... Depois, venho eu, Pombinha, cavalo de batalha... A banda militar toca uma marcha fúnebre...

(A moça canta – caminhando imóvel – a Marcha fúnebre de Chopin que uma orquestra invisível, com cobres, continua. Ao longe, um crepitar de metralhadoras)

Quarto Quadro

Cenário

É um quarto cujos três painéis visíveis são três espelhos nos quais está refletido um velhote maltrapilho, mas bem penteado, imóvel no meio do recinto. Perto dele, indiferente, uma moça ruiva muito bonita. Colete de couro, botas de couro. Coxas nuas e belas. Jaqueta de pele. Espera. O velhote também. Está impaciente, nervoso. A moça, imóvel. O velhote, tremendo, tira suas luvas furadas. Retira do bolso um lenço branco e enxuga-se. Tira os óculos. Dobra-os e coloca-os num estojo, em seguida põe o estojo no bolso. Enxuga as mãos com um lenço. Todos os gestos do velhote refletem-se nos três espelhos. Portanto, são necessários três atores para representar os reflexos. Finalmente, ouvem-se três pancadas na porta do fundo. A moça ruiva aproxima-se. Diz: "0 que é?". Irma estende o braço que segura uma palmatória e uma peruca muito suja e desgrenhada. A moça pega-as e a porta torna a fechar-se. A fisionomia do velhote se ilumina. A moça ruiva tem um ar exageradamente altivo e cruel. Põe a peruca na cabeça do velhote, com brutalidade. O velho tira do bolso um pequeno buquê de flores artificiais. Segura-o como se fosse oferecê-lo à moça que o chicoteia e arranca o buquê com a palmatória. A fisionomia do velhote se ilumina com doçura. Muito perto, crepitar de metralhadoras. O velhote toca a peruca.

O VELHO – E os piolhos?

A MOÇA *(Muito vulgar)* – Estão aí.

Quinto Quadro

Cenário

O quarto de Irma. Muito elegante. É o mesmo quarto que se via refletido nos espelhos dos três primeiros quadros. O mesmo lustre. Longas rendas caindo do urdimento. Três poltronas. Um vão à esquerda. Perto dele um aparelho que permite a Irma ver o que se passa em seus salões. Porta à direita. Porta à esquerda. Irma está fazendo suas contas, sentada à penteadeira. Perto dela uma moça: Carmen. Um crepitar de metralhadora.

CARMEN *(contando)* – Dois mil do Bispo... dois mil do Juiz... *(Levanta a cabeça)* Não, madame, tudo na mesma. Nada de Chefe de Polícia.

IRMA *(Aborrecida)* – Vai chegar, se é que chega... e chega que nem uma fera! E, no entanto...

CARMEN – Eu sei: no mundo, tudo é necessário. Mas nada de Chefe de Polícia. *(Volta a contar)* Dois mil do General... dois mil do marinheiro... três do garoto...

IRMA – Já lhe disse, Carmen, não gosto disso. Exijo respeito aos visitantes. Vi-si-tan-tes! Nem mesmo eu *(Acentua esta palavra)* ouso chamá-los de clientes. E, no entanto... *(Faz estalar, de maneira acintosa, as cédulas novas de mil que segura na mão)*

CARMEN *(Dura. Voltou-se e fixa Irma)* – Para a senhora, sim: o tutu e o requinte!

IRMA *(Tentando conciliar)* – Estes olhos! Não seja injusta. Você tem andado irritada. Os últimos acontecimentos nos deixaram com os nervos à flor da pele, mas tudo isto vai passar. E o sol voltará a brilhar. O Sr. Georges...

CARMEN *(Mesmo tom de antes)* – Ah, este!

IRMA – Não fale mal do Chefe de Polícia. Sem ele, estaríamos em maus lençóis. Sim, nós, porque você está ligada a mim. E a ele. *(Longo silêncio)* E principalmente sua tristeza que me preocupa. *(Douta)* Você está mudada, Carmen. E mesmo antes que a revolta começasse...

CARMEN – Já não tenho tanto que fazer aqui, Madame Irma.

IRMA *(Desconcertada)* – Mas... eu lhe entreguei a contabilidade. Você se instalou em meu escritório e, de repente, minha vida inteirinha abriu-se diante de você. Não tenho mais segredos, e mesmo assim não está contente?

CARMEN – Claro, agradeço-lhe a confiança, mas... não é a mesma coisa.

IRMA – "Aquilo" lhe faz falta? *(Silêncio de Carmen)* Ora, Carmen, quando você subia ao rochedo coberto de neve com uma roseira florida de papel amarelo – que, aliás, devo tornar a guardar no porão – e o devoto desmaiava ante a sua aparição, você não estava se levando a sério, não é? Diga, Carmen...

(Curto silêncio)

CARMEN – Quando as nossas sessões terminam, a senhora nunca permite que se comente e por isso desconhece os nossos verdadeiros sentimentos. A senhora observa tudo de longe, patroa, mas se alguma vez a senhora pusesse o vestido e o véu azul, ou fosse a penitente sedutora, ou a égua do general, ou a camponesa currada no palheiro...

IRMA *(Chocada)* – Eu!

CARMEN – Ou a empregadinha de avental rosa, ou a arquiduquesa deflorada pelo guarda, ou... enfim, não é preciso dar a lista completa, a senhora saberia o que isto custa e que é necessário compensar com um pouco de ironia. Mas nem entre nós a senhora deixa que se fale sobre o assunto. A senhora tem medo de um sorriso, de uma pilhéria.

IRMA *(Muito severa)* – É verdade, eu não gosto que se brinque. Um acesso de riso, ou mesmo um sorriso, põe tudo a perder. Se há sorriso, há dúvida. Os clientes querem cerimônias graves. Com suspiros. Minha casa é um lugar severo. Permito que vocês joguem cartas.

CARMEN – Então não se espante com nossa tristeza. *(Pausa)* Penso em minha filha.

(Irma levanta-se, pois ouviu um toque de campainha, e dirige-se àquele estranho móvel situado à esquerda, espécie de aparelho munido de um visor, de um fone e de um grande número de alavancas. Enquanto fala, baixa uma alavanca e espia pelo visor)

IRMA – Cada vez que lhe faço uma pergunta mais íntima você amarra a cara e me vem com sua filha. Você ainda insiste em visitá-la? Mas, não seja idiota, entre a nossa casa e a da ama de leite lá na roça existe o fogo e a água, a revolta e as balas. Eu até me pergunto se... *(Novo toque de campainha. Madame Irma levanta uma alavanca e abaixa outra)* ... se o Sr. Georges não foi liquidado no caminho. Se bem que um Chefe de Polícia saiba se proteger. *(Vê as horas num relógio que tira de seu corpete)* Está atrasado. *(Parece preocupada)* Ou então teve medo de sair.

CARMEN – Para chegar a seus salões, estes senhores atravessam o fogo das metralhadoras sem medo. Eu, para ver minha filha...

IRMA – Sem medo? Com um temor que os excita. Por trás do muro de fogo e de ferro, com as narinas dilatadas, eles farejam a orgia. Vamos voltar às nossas contas, está bem?

CARMEN *(Após um silêncio)* – No total, contando o marinheiro e os atendimentos mais simples, dá trinta e dois mil.

IRMA – Quanto mais se mata nos subúrbios, mais os homens vêm correndo para os meus salões.

CARMEN – Os homens?

IRMA *(Depois de uma pausa)* – Alguns. Atraídos por meus espelhos e meus lustres, sempre os mesmos. Para os outros, o heroísmo substitui a mulher.

CARMEN *(Amarga)* – A mulher?

IRMA – Como é que vou chamar vocês, minhas grandes, compridas criaturas estéreis? Eles

nunca fecundam vocês. E, no entanto... se vocês não estivessem aqui...

CARMEN – A senhora tem suas diversões, Madame Irma.

IRMA – Cale-se. É este jogo glacial a causa de minha tristeza e de minha melancolia. Felizmente tenho minhas joias. Correndo perigo, aliás. *(Sonhadora)* Tenho minhas diversões... e você, as orgias de seu coração...

CARMEN – Isso não resolve nada, patroa. Minha filha gosta de mim.

IRMA – Você é a princesa distante que vai vê-la com brinquedos e perfumes: Ela põe você no céu. *(Rindo com estardalhaço)* Ah, isto é demais, pensar que para alguém o Inferno que é meu bordel possa parecer o Céu! É o Céu para sua garota! *(Ri)* Mais tarde você fará dela uma puta?

CARMEN – Madame Irma!

IRMA – É verdade. Devo deixá-la em seu bordel secreto, seu prostíbulo precioso e cor-de-rosa, em seu puteiro sentimental... Você me acha cruel? Esta revolta também me abalou os nervos. Sem que você perceba, atravesso períodos de medo, de pânico... Tenho a impressão de que a revolta não visa a tomada do Palácio Real, mas a pilhagem de meus salões. Tenho medo, Carmen. No entanto, já tentei tudo, cheguei até a rezar. *(Sorri com esforço)* Como o seu penitente. Estou magoando você?

CARMEN *(Decidida)* – Duas vezes por semana, às terças e às sextas, tinha de ser Nossa Senhora de Lourdes e aparecer a um contador do Banco da Província. Para a senhora era dinheiro em caixa e a justificativa do bordel; para mim era...

IRMA *(Espantada)* – Você aceitou. Não parecia zangada...

CARMEN – Eu era feliz.

IRMA – E então? Onde está o mal?

CARMEN – Vi o efeito que causava sobre o meu contador. Vi seus transes, seus suores, ouvi

seus estertores...

IRMA – Basta. Ele não vem mais. Me pergunto por quê. Talvez o perigo, ou, quem sabe, sua mulher descobriu. *(Pausa)* Ou morreu. Cuide das minhas contas.

CARMEN – Sua contabilidade nunca substituirá minha aparição. Tornara-se tão verdadeiro quanto em Lourdes. Agora, só me preocupo com minha filha, madame Irma. Ela está num verdadeiro jardim...

IRMA – Você terá muita dificuldade em ir a seu encontro e daqui a pouco o jardim estará em seu coração.

CARMEN – Cale-se!

IRMA *(Inexorável)* – A cidade está cheia de cadáveres. Todos os caminhos estão impedidos. Os camponeses também aderiram. É o caso de se perguntar o porquê. Contágio? A revolta é uma epidemia. Tem o mesmo caráter fatal e sagrado. De qualquer maneira, vamos ficar cada vez mais isolados. Os revoltosos odeiam o Clero, o Exército, a Magistratura, e a mim, Irma, cafetina e dona de prostíbulo. Você será morta, estripada, e sua filha adotada por um virtuoso rebelde. E o que nos espera, a todos. *(Arrepia-se. De repente, um toque de campainha. Irma corre ao aparelho, olha e escuta como há pouco)* Salão 24, o salão das Areias. Que está acontecendo?

(Espia, preocupada. Longo silêncio)

CARMEN *(Sentara-se à penteadeira de Irma e retomava as contas. Sem levantar a cabeça)* – A Legião?

IRMA *(Sempre com o olho colado no dispositivo)* – Sim. É o Legionário heroico que cai nas areias. E Rachel lançou-lhe um dardo à orelha, a idiota. Podia ficar desfigurado. Também, que ideia, deixar-se alvejar por um árabe e morrer – se é que se pode dizer assim! –, ao sinal de "cuidado", sobre um montão de areia! *(Uma pausa. Olha com atenção)* Ah, Rachel está cuidando dele. Prepara um curativo e parece que ele está contente. *(Muito interessada)* Veja, mas isso lhe agrada. Tenho a impressão de que gostaria de mudar o cenário e que de hoje em diante vai morrer no hospital militar, abraçado com uma enfermeira... Tenho de comprar um novo uniforme. Mais despesas. *(De repente, preocupada)* Bem, isso não me agrada. Nem um pouco. Rachel me preocupa cada vez mais. Que ela não me vá fazer o mesmo que Chantal.

(Voltando-se para Carmen) Por falar nisso, alguma notícia de Chantal?

CARMEN – Nenhuma.

IRMA *(Retoma o aparelho)* – E este aparelho que não funciona direito! O que é que ele está dizendo? Ele explica... ela ouve... ela compreende. Tenho medo que ele também compreenda. *(Novo toque de campainha. Abaixa outra alavanca e olha)* Falso alarme. É o bombeiro que vai embora.

CARMEN – Qual?

IRMA – O verdadeiro.

CARMEN – Qual é o verdadeiro?

IRMA – O que conserta as torneiras.

CARMEN – O outro é falso?

IRMA *(Dá de ombros. Aperta a primeira alavanca)* – Ah, exatamente o que eu dizia: as três ou quatro gotas de sangue de sua orelha bastaram para inspirá-lo. Agora deixa-se ninar. Amanhã de manhã estará em forma para ir à sua embaixada.

CARMEN – Ele é casado, não é?

IRMA – Via de regra, não gosto de falar da vida particular de meus visitantes. O Grande Balcão é conhecido no mundo inteiro. E a casa de ilusões mais honesta e mais sábia...

CARMEN – Honesta?

IRMA – Discreta. Mas, para falar com franqueza, sua indiscreta: são quase todos casados.

(Pausa)

CARMEN *(Pensativa)* – Quando estão com suas esposas, a quem amam, será que eles ainda guardam uma vaga, uma pequena lembrança das suas festas num bordel?...

IRMA *(Chamando-a à ordem)* – Carmen!

CARMEN – Desculpe, madame... em uma casa de ilusões. Eu dizia: eles ainda guardam uma vaga, uma pequena lembrança das suas festas numa casa de ilusões? Minúscula, longínqua, no fundo de suas cabeças, mas presente?

IRMA – É possível, meu bem. Elas devem existir. Como uma lanterna esperando o próximo São João, ou, se preferir, como uma luz imperceptível de um imperceptível castelo que, de repente, podem ampliar, todas as vezes que quiserem descansar. *(Crepitar de metralhadoras)* Você está ouvindo? Eles se aproximam. Eles querem me destruir.

CARMEN *(Prosseguindo em seu pensamento)* – No entanto, deve ser agradável uma casa de verdade...

IRMA *(Cada vez mais assustada)* – Vão conseguir cercar o prostíbulo antes da chegada do Sr. Georges. Se conseguirmos escapar, uma coisa não se deve esquecer: é que as paredes não estão suficientemente forradas, as janelas mal calafetadas... Ouve-se tudo que se passa na rua. Portanto na rua deve-se ouvir o que se passa dentro de casa...

CARMEN *(Sempre pensativa)* – Numa verdadeira casa deve ser agradável...

IRMA – Quem sabe? Mas Carmen, se minhas meninas começam a ter essas ideias, é a ruína do bordel! Acredito, realmente, que você sinta falta de sua aparição. Olhe, posso fazer alguma coisa por você. Eu tinha prometido a Regine, mas agora dou a você. Se você quiser, naturalmente. Ontem me pediram, por telefone, uma santa Teresa... *(Pausa)* Ah, evidentemente, de Nossa Senhora a santa Teresa é uma decadência; mas também não é tão ruim assim... *(Silêncio)* Não diz nada? É para um banqueiro. Muito limpo, sabe? Nada exigente. Dou para você. Se os revoltosos forem massacrados, claro.

CARMEN – Eu gostava do meu vestido, do meu véu e da minha roseira.

IRMA – Na “Santa Teresa” também há uma roseira. Considere.

(Silêncio)

CARMEN – E qual é o detalhe autêntico?

IRMA – O anel. Porque ele previu tudo. O anel de casamento. Você sabe, que cada religiosa usa uma aliança, como esposa de Deus. Claro. É assim que ele saberá que está lidando com uma verdadeira religiosa.

CARMEN – E o detalhe falso?

IRMA – É quase sempre o mesmo: rendas negras sob a saia de lã. Então, quer? Você tem a doçura que ele gosta, ficará contente.

CARMEN – É muito gentil de sua parte pensar nele.

IRMA – Eu penso em você.

CARMEN – Era sem ironia que eu falava que a senhora é gentil. A favor de sua casa, pode-se dizer que ela traz consolo, madame Irma. A senhora monta e prepara seus teatros clandestinos... A senhora tem os pés na terra. A prova é que a senhora fatura. Quanto a eles... o despertar deve ser brutal. Logo que acaba é preciso começar tudo de novo.

IRMA – Felizmente, para mim.

CARMEN – ... Começar tudo de novo, e sempre a mesma aventura. Da qual gostariam de nunca sair.

IRMA – Você não entende nada disso. Eu vejo nos olhos deles: depois, tudo se torna claro. Subitamente compreendem a matemática. Gostam de seus filhos e de sua pátria. Como você.

CARMEN *(Empertigando-se)* – Filha de oficial superior...

IRMA – Eu sei. É sempre preciso ter uma dessas no bordel. Mas lembre-se que General, Bispo e Juiz estão na vida...

CARMEN – A senhora está falando de quais?

IRMA – Dos verdadeiros.

CARMEN – Quais são os verdadeiros? Os nossos?

IRMA – Os outros. Na vida são suportes de uma ostentação que devem arrastar pela lama do real e do quotidiano. Aqui, a Comédia, a Aparência mantêm-nas puras, a Festa intacta.

CARMEN – As festas que me ofereço...

IRMA *(Interrompendo-a)* – Eu sei para que elas servem: para esquecer as deles.

CARMEN – A senhora me reprova?

IRMA – As deles servem para esquecer as suas. Também eles gostam de seus filhos. Depois.

(Novo toque de campainha, como os precedentes. Irma, que continuava perto do aparelho, volta-se, cola o olho no visor e aproxima o fone do ouvido. Carmen volta às contas)

CARMEN *(Sem levantar a cabeça)* – O senhor Chefe de Polícia?

IRMA *(Descrevendo a cena)* – Não. O garçom, que acaba de chegar. Ainda vai resmungar... pronto, fica danado porque Eliane está lhe entregando um avental branco.

CARMEN – Eu já tinha prevenido. Ele quer um avental cor-de-rosa.

IRMA – Amanhã você vai ao mercado, se estiver aberto. E compre também um espanador para o empregado da Ferroviária. Um espanador verde.

CARMEN – Contanto que Eliane não esqueça de deixar cair a gorjeta no chão. Ele exige uma verdadeira revolução. E copos sujos.

IRMA – Querem que tudo seja o mais verdadeiro possível... Menos alguma coisa indefinível que fará com que isso não seja verdade. *(Mudando de tom)* Carmen, fui eu quem decidiu chamar meu estabelecimento de casa de ilusões, mas sou apenas a diretora e cada um, quando toca e entra, traz seu cenário perfeitamente estabelecido. Só me resta alugar a sala e fornecer os acessórios, os atores e as atrizes. Consegui desligar minha filha da terra – você compreende o que eu digo? Dei-lhe, desde muito tempo, o sinal de partida e ela voa. Cortei as amarras. Voa. Ou, se quiser, voga no céu, para onde ela me leva. Então, minha querida... você me permite algumas palavras de ternura? Toda dona de pensão tem sempre uma certa queda por uma de suas meninas...

CARMEN – Eu já tinha percebido, Madame. E eu também, às vezes... *(Olha para Madame Irma de uma maneira lânguida)*

IRMA *(Levanta-se e olha-a)* – Fiquei um pouco perturbada, Carmen. *(Longo silêncio)* Mas, recomecemos. Minha querida, a casa realmente decola, deixa a terra, voga pelo céu quando me chamo, no fundo de meu coração, mas com grande clareza, de uma dona de pensão. Querida, quando, secretamente, no silêncio, repito para mim mesma, em silêncio: "És uma cafetina, uma dona de prostíbulo e de puteiro", querida, tudo *(Subitamente lírica)*, tudo esvoaça: lustres, espelhos, tapetes, pianos, cariátides e meus salões, meus célebres salões: o salão dito dos Fenos, decorado com cenas rústicas, o salão das torturas, salpicado de sangue e lágrimas, o salão Sala do Trono, drapeado com veludo e flor de lis, o salão dos Espelhos, o salão do Aparato, o salão dos Repuxos perfumados, o salão mictório, o salão de Anfitrite, o salão Luar, tudo voa: salões. Ah! esquecia o salão dos mendigos, dos vagabundos, onde a imundície e a miséria são enaltecidas. Recomeço: salões, meninas... *(Reconsidera)* Ah! ia esquecendo: o mais belo de todos, paramento definitivo, coroa do edifício – se sua construção for um dia acabada – falo do salão funerário, decorado com urnas de mármore, meu salão da Morte Solene, o Túmulo! O salão mausoléu. Recomeço: salões, meninas, cristais, rendas, balcão, tudo desaparece, se eleva e me transporta!

(Longo silêncio. As duas mulheres estão imóveis, de pé, uma diante da outra)

CARMEN – Como a senhora fala bonito!

IRMA *(Modesta)* – Estudei até o ginásio.

CARMEN – Percebi. Meu pai, o coronel de artilharia...

IRMA *(Corrigindo severamente)* – De cavalaria, minha cara.

CARMEN – Perdão. É verdade. O coronel de cavalaria queria que eu estudasse. Infelizmente... Madame, a senhora conseguiu. Ao redor de sua bela pessoa organizou um teatro faustoso, uma festa cujo esplendor a envolve, dissimulando-a para o mundo. Para sua putice era necessário este aparato. E eu, só terei a mim e só serei eu mesma? Não, madame. Graças ao vício e à miséria dos homens, também eu tive o meu momento de glória! Daqui, com o fone no ouvido e olhando pelo visor, a senhora podia me ver erguida, ao mesmo tempo soberana e boa, maternal e tão feminina, meu calcanhar sobre a serpente de papelão e as rosas de papel rosa, a senhora também podia ver o contador do Banco da Província de joelhos diante de mim, e desmaiando ante minha aparição. Infelizmente, ele estava de costas e a senhora não podia ver seu olhar de êxtase, nem ouvir as batidas enlouquecidas de meu coração. Meu véu azul, meu vestido azul, meu avental azul, meu olho azul...

IRMA – Castanho!

CARMEN – Azul, naquele dia. Para ele eu era o próprio Céu que tocava a sua testa. Diante da Madona que eu era, um espanhol teria rezado e feito promessas. Ele me cantava louvores, confundindo-me com a sua cor predileta, e quando me levava para a cama, era no azul que ele me penetrava. Mas eu não vou mais aparecer.

IRMA – Eu lhe ofereci Santa Teresa.

CARMEN – Não estou preparada, Madame Irma. É preciso saber o que o cliente vai exigir. Será que tudo já foi combinado?

IRMA – Toda puta deve poder – você me desculpe, já que chegamos a este ponto, falemos de homem para homem – deve poder enfrentar qualquer situação.

CARMEN – Sou uma de suas putas, patroa, e uma das melhores, eu me orgulho disso. Numa noitada eu consigo dar...

IRMA – Conheço seu estilo. Mas quando você se exalta logo que ouve a palavra puta, que você repete para você mesma e com ela se paramenta como se fosse um título, é muito diferente de quando eu uso esta palavra para designar uma função. Mas você tem razão, minha querida, em exaltar sua profissão e fazer disso uma glória. Faça-a brilhar: Que ela a ilumine, se é a única coisa que você tem. *(Terna)* Farei tudo para ajudá-la... você é a joia mais pura de meu rebanho, a única a quem dedico toda a minha ternura. Fique comigo. Teria coragem de me abandonar quando tudo está desmoronando? A morte – a verdadeira, a definitiva – está à minha porta, embaixo de minhas janelas... *(Crepitar de metralhadoras)* Está ouvindo?

CARMEN – O exército está lutando com coragem.

IRMA – Os revoltosos, com mais coragem ainda. E estamos junto aos muros da catedral, a dois passos do arcebispado. Minha cabeça não tem preço, não, seria bom demais. Mas sabe-se que ofereço jantares às pessoas importantes. Portanto, sou visada. E não há homens nesta casa.

CARMEN – O Sr. Arthur está aí.

IRMA – Você está brincando? Nenhum, ele é um acessório. Por falar nisso, logo que termine a função, vou mandá-lo procurar o Sr. Georges.

CARMEN – Se o pior acontecer...

IRMA – E os revoltosos ganharem? Estou perdida. São operários. Sem imaginação. Virtuosos e talvez castos.

CARMEN – Eles se habituam logo com o deboche. Basta um pouco de tédio...

IRMA – Você se engana. Nesse caso, evitarão o tédio. Sou eu a mais visada. Com vocês é diferente. Em toda revolução há uma puta exaltada que canta uma Marselhesa e se virginiza. Você seria esta puta? Eles darão santamente de beber aos moribundos. Depois... se casarão com vocês. Você gostaria de casar?

CARMEN – Flor de laranjeira, véu...

IRMA – Bravo. Casada, para você, quer dizer fantasiada. Minha querida, você é bem do nosso mundo. Não, eu também não vejo você casada. Aliás, o que eles querem é nos matar. Nós teremos uma bela morte, Carmen. Será terrível e suntuosa. É possível que meus salões sejam invadidos, os cristais, quebrados, os brocados rasgados, e que nos degolem...

CARMEN – Terão pena...

IRMA – Não. Eles vão ficar ainda mais exaltados com a ideia de que estão cometendo um sacrilégio. De capacete, botas, de boné e peito nu, nos destruirão a ferro e fogo. Será belíssimo. Não podemos desejar outro fim. E você ainda pensa em ir embora...

CARMEN – Mas, Madame Irma...

IRMA – Agora que a casa vai pegar fogo, a rosa vai ser apunhalada, você, Carmen, só pensa em fugir.

CARMEN – A senhora sabe muito bem por que eu quis me ausentar.

IRMA – Sua filha está morta...

CARMEN – Madame!

IRMA – Morta ou viva, sua filha está morta. Penso na sepultura, ornamentada com margaridas e coroas de pérolas, no fundo de um jardim... e este jardim no seu coração, onde você poderá cuidar dele...

CARMEN – Teria sido um prazer revê-la...

IRMA – Você conservará sua imagem na imagem do jardim e o jardim em seu coração, sob o manto em chamas de santa Teresa. E você ainda hesita? Eu lhe ofereço a mais gloriosa das mortes e você ainda hesita? É covarde.

CARMEN – A senhora bem sabe que lhe sou dedicada.

IRMA – Vou lhe ensinar as cifras! As maravilhosas cifras que passaremos, juntas, as noites, a caligrafar.

CARMEN *(Suavemente)* – A guerra desencadeada, a senhora disse muito bem, é a horda.

IRMA *(Triunfante)* – A horda! mas nós, nós temos nossas tropas, nossas armadas, nossas milícias, legiões, batalhões, vasos, arautos, clarins, trombetas, nossas cores, auriflamas, estandartes, pendões... para levar-nos à catástrofe! A morte? É a morte certa, mas tão rápida e com tal desenvoltura!... *(Melancólica)* A não ser que Georges ainda seja todo-poderoso... E ainda possa atravessar a horda e vir nos salvar. *(Um grande suspiro)* Você vai me vestir. Mas antes, quero vigiar Rachel. *(Mesmo toque de campainha de há pouco. Irma põe o olho no visor)* Com este instrumento, eu os vejo e posso até ouvir os suspiros. *(Silêncio. Olha)* O Cristo sai com sua parafernália. Nunca pude compreender por que pede que o amarrem à cruz com as cordas que traz em sua mala. São cordas bentas? Quando chega em casa, onde irá guardá-las? Que importa! Vejamos Rachel. *(Pressiona outra manivela)* Ah, terminaram. Agora estão conversando. Guardando os dardos, o arco, as faixas de gaze, o quepe branco... Não, não gosto nem um pouco da maneira como eles se olham! Eles estão com um olhar tão claro. *(Volta-se para Carmen)* Aí estão os perigos da assiduidade. Seria a ruína completa se meus clientes trocassem um sorriso amistoso com as meninas. Seria uma catástrofe ainda major que se houvesse amor. *(Pressiona maquinalmente a manivela e recoloca o fone. Pensativa)* Arthur já deve ter acabado. Ele vem aí... Vista-me.

CARMEN – O que vai pôr?

IRMA – O *negligé* creme. *(Carmen abre um armário e retira o negligé enquanto Irma desabotoa seu costume)* Carmen, e Chantal?

CARMEN – Senhora?

IRMA – Diga, que sabe de Chantal?

CARMEN – Passei em revista todas as meninas: Rosine, Eliane, Florence, Marlyse. Prepararam seus pequenos relatórios. Vou dá-los à senhora. Mas eles não me adiantaram muito.

Antes, era possível espionar. Com o tumulto, é mais difícil. No começo os partidos estão mais definidos, pode-se escolher. Na paz, tudo é menos claro. Não sabemos bem a quem estamos traindo. Nem mesmo se estamos traindo. Não há notícias de Chantal. Não sabemos se ainda vive.

IRMA – Mas, diga-me uma coisa, você não teria escrúpulos?

CARMEN – Nenhum. Ingressar no bordel é recusar o mundo. Aqui estou e aqui fico. A minha realidade são os seus espelhos, as suas ordens e as paixões. Que joias a senhora vai usar?

IRMA – Os diamantes. Minhas joias: de verdadeiro só tenho isto. Com a certeza de que o resto é falso, tenho minhas joias, como outras têm uma filha no jardim, Quem é a traidora? Você não quer dizer?

CARMEN – Todas elas desconfiam de mim. Eu recolho seus relatórios. Entrego-os à senhora. E a senhora os dá à Polícia. É ela que controla... Eu, não sei de nada.

IRMA – Você é prudente. Dê-me um lenço.

CARMEN *(Trazendo um lenço de renda)* – Vista daqui, onde de qualquer maneira os homens ficam nus, a vida parece-me tão distante, tão profunda que possui toda a irreal idade de um filme ou do nascimento de Cristo numa creche. Quando um homem, no quarto, se abandona aponto de me dizer: "Tomaremos o arsenal amanhã à noite", tenho a impressão de ler uma inscrição obscena. Seu ato torna-se tão louco, tão... volumoso quanto os que são descritos de uma certa maneira em certas paredes,.. Não, eu não sou prudente.

(Batem. Irma sobressalta-se. Precipita-se sobre o aparelho que, graças a um mecanismo acionado por um botão, encaixa-se na parede, invisível. Durante toda a cena com Arthur, Carmen despe e depois veste Irma, de maneira que esta fique pronta exatamente à chegada do Chefe de Polícia)

IRMA – Entre! *(A porta se abre. Entra o carrasco que, de agora em diante, chamaremos de Arthur. Clássico terno de cafetão: cinza-claro, chapéu de feltro branco, etc. Termina de dar o nó na gravata. Irma, examinando-o minuciosamente)* A função terminou? Foi rápida.

ARTHUR – Sim. O velhote está se vestindo. Está esgotado. Duas funções em meia hora. Com todo este tiroteio nas ruas, tenho minhas dúvidas de que ele consiga chegar até o seu hotel. *(Imita o Juiz no segundo quadro)* Minos te julga... Minos te pesa... Cérbero?... Uau! Uau! *(Mostra os dentes e ri)* O Chefe de Polícia não chegou?

IRMA – Você não bateu demais nela? Da última vez, a pobre coitada ficou dois dias de cama.

(Carmen trouxe o negligé de rendas. Irma agora está de camisola)

ARTHUR – Não se faça de boazinha, nem de falsa puta. Tanto da última vez como hoje de noite ela teve o que merecia: em gaita e em pancadas. *Recta-reglo*. Se o banqueiro quer ver as costas marcadas, então eu marco.

IRMA – Ao menos você sente prazer?

ARTHUR – Com ela, não; só gosto de você. E trabalho é trabalho. Tenho consciência do que faço.

IRMA *(Autoritária)* – Não estou com ciúmes desta moça, mas não gostaria que você acostumasse mal os empregados, cada vez mais difíceis de encontrar.

ARTHUR – Duas ou três vezes tentei fazer as marcas, pintando nas costas com tinta roxa, mas não funciona. Quando o velho chega, examina e exige que esteja em forma.

IRMA – Pintar? Quem deu licença? *(A Carmen)* Minhas sandálias orientais, querida.

ARTHUR *(Dando de ombros)* – Uma ilusão a mais, uma ilusão a menos! Eu pensei que estava certo. Mas fique sossegada, agora chicoteio, flagelo, ela grita e ele rasteja.

IRMA – Diga-lhe para gritar mais baixo, que a casa está visada.

ARTHUR – O rádio acaba de anunciar que toda a zona Norte caiu esta noite. E o Juiz ainda quer gritos. O Bispo é menos perigoso. Ele se satisfaz perdoando os pecados.

CARMEN – Sua alegria está em perdoar, por isso ele exige primeiro que os pecados sejam cometidos. Não, o melhor é aquele que é amarrado, espancado, chicoteado e, depois de acalentado, ronca.

ARTHUR – E quem é que faz ele dormir? *(A Carmen)* Você? Você lhe dá o seio?

CARMEN *(Secamente)* – Eu trabalho direito. Quem usa terno como este, seu Arthur, não tem direito de gracejar. O cafetão faz careta, nunca sorri.

IRMA – Ela tem razão.

ARTHUR – Quanto ganhou hoje?

IRMA *(Na defensiva)* – Eu e Carmen ainda não acabamos as comas.

ARTHUR – Eu, já. Pelas minhas contas, deve chegar a vinte mil.

IRMA – É possível. Mas não tenha medo. Eu não faço trapaças.

ARTHUR – Acredito em você, meu amor, mas não posso controlar: os números se organizam na minha cabeça. Vinte mil! A guerra, a revolta, a metralha, o gelo, o granizo, a chuva, a merda em aguaceiro, nada impede! Pelo contrário. O pessoal está se matando nas ruas, o bordei está visado: eles insistem. Eu tenho você a domicílio, meu tesouro, se não...

IRMA *(Precisa)* – Você estaria paralisado de medo, no porão.

ARTHUR *(Dúbio)* – Faria como os outros, meu amor. Ficaria esperando que o Chefe de Polícia me salvasse. Você não vai esquecer minha pequena porcentagem, não é?

IRMA – O que eu lhe dou dá para você se defender.

ARTHUR – Meu amor! Encomendei minhas camisas de seda. E você sabe que tipo de seda? E a cor? Da seda roxa de seus corpetes!

IRMA *(Enternecida)* – Pare com isso. Na frente de Carmen, não.

ARTHUR – Então? Vai dar?

IRMA *(Desfalecendo)* – Vou.

ARTHUR – Quanto?

IRMA *(Dominando-se)* – Veremos. Eu e Carmen temos de fazer as contas. *(Meiga)* Tanto quanto eu puder. Mas agora é preciso que você vá buscar Georges, de qualquer jeito...

ARTHUR *(Com ironia insolente)* – Que é que você está dizendo, minha querida?

IRMA *(Seca)* – Que você vá buscar o Sr. Georges. Se for preciso vá até a Polícia e avise que só conto com ele.

ARTHUR *(Ligeiramente preocupado)* – Eu acho que você está brincando...

IRMA *(De repente muito autoritária)* – Pelo meu jeito você já devia saber: não estou mais representando. Pelo menos, não o mesmo papel. E você, não tem mais que representar o cafetão terno e mau: faça o que lhe ordeno, mas antes segure o vaporizador. *(A Carmen, que traz o objeto)* Entregue a ele. *(A Arthur)* E de joelhos!

ARTHUR *(Ajoelha-se e vaporiza Irma)* – Na rua?... Sozinho?... Eu?...

IRMA *(De pé, diante dele)* – Precisamos saber que fim levou Georges. Não posso ficar desprotegida.

ARTHUR – Mas eu estou aqui...

IRMA *(Dando de ombros)* – Tenho de defender minhas joias, meus salões e minhas meninas. O Chefe de Polícia já devia ter chegado há meia hora...

ARTHUR *(Acovardado)* – Eu, na rua? ... Mas está chovendo... eles estão atirando... *(Mostrando seu terno)* Eu me vesti para ficar, passear pelos corredores e me olhar nos espelhos. E também para que você me visse vestido de cafetão... Eu só tenho a seda para me proteger...

IRMA *(A Carmen)* – Dê-me as pulseiras, Carmen. *(A Arthur)* E você, vaporize.

ARTHUR – Eu não sou feito para os exteriores. Já faz muito tempo que vivo dentro de suas paredes... E além disso, a minha pele não suportaria o ar livre... se ao menos eu tivesse um véu!... Imagine se me reconhecerem!...

IRMA *(Irritada e girando)* – Então vá rente aos muros. *(Pausa)* Leve este revólver.

ARTHUR *(Assustado)* – Comigo?

IRMA – No seu bolso.

ARTHUR – Meu bolso! E se eu tiver de atirar?...

IRMA *(Doce)* – Você já se cansou de ser o que é? Está farto?

ARTHUR – Estou farto... *(Pausa)* Descansado, farto... mas se sair...

IRMA *(Autoritária, mas com doçura)* – Tem razão. Nada de revólver. Mas tire o chapéu, vá onde mandei e volte para me dar notícias. Esta noite você tem uma sessão. Já sabia?

(Ele joga seu chapéu)

ARTHUR *(Que estava se dirigindo para a porta)* – Outra?! Esta noite?! De quê?

IRMA – Eu pensei que já tinha dito: um cadáver.

ARTHUR *(Com nojo)* – E eu, vou fazer o quê?

IRMA – Nada. Você permanecerá imóvel e será enterrado. Poderá descansar.

ARTHUR – Ah, por que é que eu...? Ah, bom. Muito bem. E o cliente?

IRMA *(Misteriosa)* – Uma pessoa muito importante. E chega de perguntas. Vá.

ARTHUR *(Vai sair, depois hesita, e tímido)* – E não se ganha um beijo?

IRMA – Quando voltarmos. Se voltarmos.

(Ele sai, sempre ajoelhado. Entra o Chefe de Polícia pela porta da direita, sem bater. Um sobretudo pesado. Chapéu. Charuto. Carmen tenta correr para chamar Arthur, mas o Chefe de Polícia interfere)

O CHEFE DE POLÍCIA – Não, não, fique, Carmen. Gosto de sua presença. Quanto ao gigolô, que dê um jeito de me encontrar. *(Permanece de chapéu, charuto e sobretudo, mas inclina-se diante de Irma a quem beija a mão)*

IRMA *(Ofegante)* – Ponha sua mão aqui. *(Em seu seio)* Estou transtornada. Ainda estou tremendo. Sabia que você estava a caminho, correndo perigo. Palpitante, eu esperava... me perfumando...

O CHEFE DE POLÍCIA *(Tirando o chapéu, as luvas, o sobretudo e o paletó)* – Já passou. A comédia terminou. A situação está cada vez mais grave – não é desesperadora, mas está se tornando – fe-liz-men-te! O castelo real será cercado. A rainha se esconde. Atravessei a cidade por milagre: a cidade está em fogo e sangue. A revolta é trágica, mas lá, há alegria enquanto que nesta casa tudo está morrendo lentamente. Hoje é meu dia. Esta noite estarei na cova ou num pedestal. Portanto, esta história de eu te amo, eu te desejo, não tem importância. E o negócio,

como vai?

IRMA – Maravilhosamente. Tivemos grandes representações.

O CHEFE DE POLÍCIA *(Impaciente)* – De que gênero?

IRMA – Carmen sabe contar melhor do que eu. Pergunte a ela.

O CHEFE DE POLÍCIA *(A Carmen)* – Como foi, Carmen? Sempre...?

CARMEN – Sempre, sim senhor. Sempre os baluartes do Império.

O CHEFE DE POLÍCIA *(Irônico)* – Nossas alegorias, nossas armas falantes. E que mais?...

CARMEN – Como toda semana, um novo tema. *(Gesto de curiosidade do Chefe de Polícia)* Esta semana é o bebê, esbofeteado, batido posto na cama, que então chora e é ninado.

O CHEFE DE POLÍCIA *(Impaciente)* – Está bem, mas...

CARMEN – É encantador, meu senhor. E tão triste!

O CHEFE DE POLÍCIA *(Irritado)* – Só isso?

CARMEN – Tão bonitinho quando lhe tiram a fralda...

O CHEFE DE POLÍCIA *(Cada vez mais irritado)* – Você está me gozando, Carmen? Estou lhe perguntando se já fui representado.

CARMEN – Se o senhor já foi representado?

IRMA *(Irônica, não se sabe para quem)* – Não foi.

O CHEFE DE POLÍCIA – Ainda não? *(A Carmen)* Finalmente, fui ou não fui representado?

CARMEN *(Abobalhada)* – Representado?

O CHEFE DE POLÍCIA – Boba! Sim, uma imitação do Chefe de Polícia!

(Silêncio muito pesado)

IRMA – Ainda é cedo. Meu caro, seu cargo não tem a nobreza suficiente para sugerir aos sonhadores uma imagem que sirva de consolo. Por falta de ancestrais ilustres, quem sabe? Não caro amigo... é preciso reconhecer que sua imagem ainda não tem acesso às liturgias do prostíbulo.

O CHEFE DE POLÍCIA – Quem está sendo representado?

IRMA – Você já sabe, você não tem as fichas? *(Conta nos dedos)*: há dois reis de França, com cerimônias de sagração e rituais diferentes; um almirante desaparecendo na popa de seu torpedeiro; um bei de Argel, capitulando; um bombeiro, apagando um incêndio; uma cabra amarrada a uma estaca; uma dona de casa voltando da feira; um saqueador; um assaltado amarrado e espancado; um São Sebastião; um fazendeiro em sua granja... nada de chefe de polícia... nem de administrador das colônias, mas um missionário morrendo na cruz, e Cristo em pessoa.

O CHEFE DE POLÍCIA *(Após uma pausa)* – Você esqueceu o mecânico.

IRMA – Ele não vem mais. De tanto aparafusar, quase construía uma máquina. E que teria funcionado. Na fábrica!

O CHEFE DE POLÍCIA – Então, nenhum de seus clientes teve a ideia... a ideia mais remota, apenas esboçada...

IRMA – Nada. Sei que você faz o que pode; você tenta o ódio e o amor. Para você, a glória é uma ducha fria.

O CHEFE DE POLÍCIA *(Com veemência)* – Minha imagem cresce cada vez mais, eu lhe garanto. Torna-se colossal. Tudo, à minha volta, reproduz e reflete essa imagem. E você nunca a viu representada em sua casa?

IRMA – Mesmo se sua imagem fosse consagrada eu não teria visto. As cerimônias são secretas.

O CHEFE DE POLÍCIA – Mentirosa. Em cada tabique você colocou o visor. Toda parede, todo espelho está trucado. Aqui, os suspiros, lá, o eco das lamentações. Você não precisa de mim para saber que a maioria dos truques desse bordel são truques de espelhos... *(Muito triste)* Ninguém! Mas eu obrigarei minha imagem a desprender-se de mim, a penetrar, a abrir caminho nos seus salões, a refletir-se, a multiplicar-se. Irma, meu cargo é tão pesado... Mas aqui, ela surgirá diante de mim, na luz ofuscante do prazer e da morte. *(Sonhador)* Da morte...

IRMA – É preciso continuar matando, meu caro Georges.

O CHEFE DE POLÍCIA – Faço o que posso, garanto. Cada dia que passa, sou mais temido.

IRMA – Mas é pouco. Você precisa penetrar na noite, na merda e no sangue. *(Subitamente angustiada)* E matar o que sobrar de nosso amor...

O CHEFE DE POLÍCIA *(Claro)* – Tudo está morto.

IRMA – É uma bela vitória. Então é preciso matar o que existe em torno de você.

O CHEFE DE POLÍCIA *(Muito irritado)* – Já disse. Faço o que posso. Eu tento provar à Nação que sou um chefe, um legislador, um construtor...

IRMA *(Preocupada)* – Você está sonhando. Ou realmente você espera construir um Império e de qualquer maneira você está sonhando.

O CHEFE DE POLÍCIA *(Com convicção)* – Uma vez sufocada a revolta, e sufocada por mim, e com o apoio da Nação, convocado pela Rainha, nada poderá me deter. E aí vocês vão saber

quem eu sou agora. *(Sonhador)* Sim, minha cara, quero construir um Império... para que o Império, em troca, construa para mim...

IRMA – Um sepulcro...

O CHEFE DE POLICIA *(Ligeiramente desconcertado)* – Mas, finalmente, por que não? Todo conquistador não tem o seu? Ora! *(Exaltado)* Alexandria! Eu terei meu sepulcro, Irma. E você, quando colocarem a primeira pedra, estará no lugar de honra.

IRMA – Muito obrigada. *(A Carmen)* Carmen, o chá.

O CHEFE DE POLÍCIA *(A Carmen, que ia sair)* – Um momento, Carmen. Qual é a sua opinião?

CARMEN – Que o senhor quer confundir a vida com longos funerais.

O CHEFE DE POLÍCIA *(Agressivo)* – E a vida, é outra coisa? Você que parece saber de tudo, diga: neste suntuoso teatro, onde a cada instante um drama é representado como se diz lá fora, uma missa é celebrada o que é que você viu?

CARMEN *(Depois de hesitar)* – De muito sério, só uma coisa merece ser contada: sem as coxas do seu dono, uma calça sobre a cadeira, é bonito, meu senhor. Nossos ornamentos sem os seus velhotes, ficam tristes de dar pena. São aqueles que colocamos no cadafalso dos altos dignatários. Só cobrem os cadáveres que nunca terminam de morrer. No entanto...

IRMA *(A Carmen)* – Não foi isso que o Chefe de polícia lhe perguntou.

O CHEFE DE POLÍCIA – Já me habituei aos discursos de Carmen. *(A Carmen)* Você estava dizendo: no entanto...

CARMEN – No entanto, quando eles percebem os ouropéis, a alegria nos seus olhos é mais o brilho da inocência, tenho certeza...

O CHEFE DE POLÍCIA – Dizem que a nossa casa os conduz à Morte.

(De repente, uma campainha. Irma se sobressalta. Uma pausa)

IRMA – Abriram a porta. Quem poderá ser a esta hora? *(A Carmen)* Desça, Carmen, e feche a porta.

(Carmen sai. Silêncio bastante longo entre Irma e o Chefe de Polícia que permaneceram sozinhos)

O CHEFE DE POLÍCIA – Meu sepulcro!

IRMA – Fui eu que toquei. Queria ficar um pouco sozinha com você. *(Silêncio, durante o qual olham-se nos olhos, gravemente)* Diga-me, Georges... *(Hesita)* Você ainda insiste em levar adiante esta farsa? Não, não, não se impaciente. Não está cansado?

O CHEFE DE POLÍCIA – Mas... Daqui a pouco volto para casa...

IRMA – Se puder. Se a revolta permitir.

O CHEFE DE POLÍCIA – A revolta é uma farsa. Daqui você não pode ver nada lá fora, mas todos os revoltosos estão representando. E gostam de seu papel.

IRMA – Mas se, por exemplo, ultrapassarem os limites da representação? Isto é, se se deixarem levar até destruírem tudo e tudo substituírem? Sim, sim, sim, há sempre o detalhe falso para lembrar que a um certo momento e num certo ponto do drama, eles devem parar, e até recuar... Mas se, levados pela paixão, não reconhecem mais nada e saltam sem hesitar para...

O CHEFE DE POLÍCIA – Para a realidade? E daí? Que experimentem. Faço como eles, penetro de súbito na realidade que o jogo nos propõe e, como tenho o papel principal, eu os liquido.

IRMA – Eles serão os mais fortes.

O CHEFE DE POLÍCIA – Por que “eles serão?” Deixei meus homens nos seus salões; assim, fico a par dos acontecimentos. E, aliás, acabe com essa conversa. Você é ou não é a dona de uma casa de ilusões? É isso. Se venho aqui, é para me satisfazer com seus espelhos e seus truques. Fique tranquila. Tudo se passará como das outras vezes.

IRMA – Hoje, não sei por que, estou preocupada. Os que passam pelas nossas janelas têm um ar ameaçador, mas não cantam. A ameaça está no olhar.

O CHEFE DE POLÍCIA – E daí? Supondo que seja assim, você me toma por um covarde? Pensa que vou renunciar?

IRMA *(Pensativa)* – Não. Aliás, acho que já é tarde demais.

O CHEFE DE POLÍCIA – Você tem alguma notícia?

IRMA – Através de Chantal, antes de sua fuga. A central elétrica será ocupada por volta das três horas da madrugada.

O CHEFE DE POLÍCIA – Tem certeza? Quem contou a ela?

IRMA – Os revolucionários do quarto setor.

O CHEFE DE POLÍCIA – É possível. Como é que ela soube?

IRMA – Foi com sua ajuda que alguns fugiram. Mas foi só ela que ajudou. Não vá com isso depreciar a minha casa.

O CHEFE DE POLÍCIA – Seu prostíbulo, meu amor.

IRMA – Prostíbulo. Lupanar. *Rendez-vouz*. Bordel. Fodedor. Puteiro. Admito tudo. Nesse caso, Chantal é a única que está do outro lado... Ela fugiu. Mas antes fez confidências a Carmen; esta sim sabe viver.

O CHEFE DE POLÍCIA – Quem lhe deu esta informação?

IRMA – Roger, o bombeiro. Como é que você acha que ele é? Jovem? Belo? Não. Quarenta anos. Baixo e atarracado. De olhar grave e irônico. Chantal falou Com ele. Eu o despedi: tarde demais. Faz parte do setor Andrômeda.

O CHEFE DE POLÍCIA – Andrômeda? Muito bem. A revolta se exalta e ganha as alturas. Se ela dá nomes de constelação às suas frentes evaporar e virar canção. Faço votos de que sejam belas.

IRMA – E se essas canções derem coragem aos revoltosos? E eles queiram morrer por elas?

O CHEFE DE POLÍCIA – Eles vão amansar com a beleza das canções. Infelizmente não atingiram o estado nem da beleza, nem da mansidão. De qualquer forma os amores de Chantal foram providenciais.

IRMA – Não misture Deus com...

O CHEFE DE POLÍCIA – Eu sou maçom. Daí...

IRMA – O quê? Você nunca me disse.

O CHEFE DE POLÍCIA *(Solene)* – Sublime Príncipe do Real Segredo!

IRMA *(Irônica)* – Você, irmão maçom! De aventalzinho! Com um martelinho, um capuz e uma vela! É engraçado. *(Uma pausa)* Você também!

O CHEFE DE POLÍCIA – Por quê? Você também?

IRMA *(Comicamente solene)* – Guardiã de rituais ainda mais solenes! *(Subitamente triste)* Já que finalmente cheguei a isto.

O CHEFE DE POLÍCIA – Vai começar a lembrar nossos amores, é?

IRMA *(Com doçura)* – Nossos amores, não. O tempo em que nos amávamos.

O CHEFE DE POLÍCIA – E daí? Quer fazer o histórico e o elogio? Você pensa que minhas visitas teriam menos sabor se não fossem temperadas com a lembrança de uma suposta inocência?

IRMA – É de ternura que se trata. Nem as mais extravagantes fantasias de meus clientes, nem minha ternura, nem minhas pesquisas para enriquecer meus salões com novos temas, nem os tapetes, nem os dourados, nem os cristais, nem o frio impedem que tenha havido momentos em que você se aninhava em meus braços e que eu me lembre deles.

O CHEFE DE POLÍCIA – Você tem saudades?

IRMA *(Com ternura)* – Daria meu reinado para reviver um desses momentos! E você sabe qual. Necessito de uma única palavra que seja verdadeira, como as rugas que descobrimos à noite, ou quando lavamos a boca...

O CHEFE DE POLÍCIA – É tarde demais. *(Pausa)* Além disso, não poderíamos viver eternamente. Enfim, você não sabe o que, já naquele tempo, em seus braços, eu secretamente pretendia.

IRMA – O que sei é que eu te amava.

O CHEFE DE POLÍCIA – É tarde demais. Você abandonaria Arthur?

IRMA *(Ri, nervosamente)* – Você exigiu a presença de um homem aqui. Ele me foi imposto por você – contrariando a minha vontade e a minha opinião – num terreno que deveria permanecer virgem... Imbecil, não ria. Virgem. Isto é, estéril. Mas você queria um sustentáculo, um eixo, um falo presente, inteiro, erguido, de pé. E aí está. Você me impingiu este montão de carne congestionada, esta noviça com braços de lutador – num circo pareceria forte, mas você ignora sua fragilidade. Ele me foi estupidamente impingido porque você sentia que estava envelhecendo.

O CHEFE DE POLÍCIA – Cale-se.

IRMA *(Dando de ombros)* – Através de Arthur, você descansava. Não tenho ilusões. Eu sou o homem dele e é comigo que ele conta. Mas necessito deste corpo musculoso, nodoso e estúpido, encravado nas minhas anáguas. Ou, se você prefere, ele é o meu corpo, mas a meu lado.

O CHEFE DE POLÍCIA *(Irônico)* – E se eu estivesse com ciúmes?

IRMA – Desta gorda boneca que se disfarça em carrasco para saciar um juiz de mentira? Você agora está brincando, mas nunca se importou que eu tomasse as aparências daquele corpo magnífico. Se quiser, eu repito...

O CHEFE DE POLÍCIA *(Esbofeteia Irma, que cai no divã)* – E não berre que eu lhe parto a cara e toco fogo nesse pardieiro. E toco fogo nos cabelos e nos pelos e solto vocês por aí. Ilumino a cidade com as putas incendiadas. *(Muito docemente)* Você acha que sou capaz?

IRMA *(Num suspiro)* – Sim, querido.

O CHEFE DE POLÍCIA – Então, faça-me as contas. Se quiser, desconte o crepe de China de Apolo. E rápido, que eu tenho de voltar ao meu posto. Por enquanto, tenho de agir. Depois... Depois, as coisas correrão sozinhas. Meu nome agirá em meu lugar. E Arthur?

IRMA *(Submissa)* – Esta noite será morto.

O CHEFE DE POLÍCIA – Morto? Você quer dizer... morto... mesmo?

IRMA *(Resignada)* – Ora, Georges, como se morre aqui em casa.

O CHEFE DE POLÍCIA – Verdade? E para quem é?

IRMA – Para o ministro...

(É interrompida pela voz de Carmen)

VOZ DE CARMEN *(Nos bastidores)* – Tranquem o salão dezessete! Eliane, mais depressa! E faça baixar o salão... Não, não, espere...

(Ouve-se um barulho de engrenagens enferrujadas, como fazem alguns elevadores velhos. Carmen entra)

CARMEN – Madame, o enviado da Rainha está no salão...

(A porta da esquerda se abre e surge Arthur, trêmulo, roupas rasgadas)

ARTHUR *(Vendo o Chefe de Polícia)* – O senhor está aí? Conseguiu atravessar?

IRMA *(Jogando-se em seus braços)* – Querido! Que aconteceu? Está ferido?... Fale!...

ARTHUR *(Ofegante)* – Tentei ir até a Polícia. Impossível. A cidade está iluminada pelos incêndios. Os revoltosos tomam quase tudo. Tenho a impressão de que o senhor não vai conseguir voltar. Cheguei até o Palácio Real e vi o Camareiro-mor. Ele disse que tentaria vir. De passagem, apertou minha mão. E eu voltei. As mulheres são as mais exaltadas. Encorajam os homens a saquear e matar. E a mais terrível era uma moça que cantava...

(Ouve-se um estampido seco. Um vidro da janela voa em estilhaços. Um espelho também, próximo ao leito. Arthur cai, atingido na testa por uma bala vinda de fora. Carmen debruça-se sobre ele, depois levanta-se. Irma por sua vez debruça-se sobre ele, acaricia-lhe a testa)

O CHEFE DE POLÍCIA – Isso quer dizer que estou encurralado no bordei. Portanto, é do bordei que terei de agir.

IRMA *(Para si mesma, debruçada sobre Arthur)* – Será que tudo me abandona? Será que tudo me escapa entre os dedos?... *(Amarga)* Ainda tenho minhas joias... os meus diamantes... e não por muito tempo, talvez...

CARMEN *(Suavemente)* – Se a casa for pelos ares... O traje de Santa Teresa está no cabide, madame Irma?

IRMA *(Levantando-se)* – À esquerda. Mas primeiro retirem Arthur. Vou receber o Enviado.

Sexto Quadro

Cenário

O cenário representa uma praça com zonas de sombra. Ao fundo, bastante longe, percebe-se a fachada do Grande Balcão, persianas cerradas. Chantal e Roger estão abraçados. Três homens parecem vigiá-los. Malhas pretas. Seguram as metralhadoras apontadas para o Grande Balcão.

CHANTAL *(Suavemente)* – Guarde-me, se quiser, meu amor, mas guarde-me no seu coração. E espere por mim.

ROGER – Eu te amo. Amo teu corpo, teus cabelos, teu pescoço, teu ventre, teus intestinos, teus humores, teus odores. Chantal, eu te amo em minha cama. Esses...

CHANTAL *(Sorrindo)* – Eles riem ligam para mim! Mas, sem eles, eu não seria nada.

ROGER – Você é minha. Eu...

CHANTAL *(Aborrecida)* – Eu sei: me tirou de um túmulo. E assim que me vi livre de minhas faixas, como uma ingrata, me larguei por aí. Entrego-me à aventura e escapo de você. *(De repente, ternamente irônica)* Mas, Roger, meu amor, você bem sabe que te amo e só amo você.

ROGER – É como você diz, você escapa de mim. Não posso acompanhá-la nessa corrida heroica e estúpida.

CHANTAL – Oh, oh! Está com ciúmes, de quem, de quê? Dizem que pairo acima da Insurreição, que sou a sua alma e a sua voz, e você, permanece na terra. É por isso que você fica triste...

ROGER – Chantal, não seja vulgar. Se você puder ajudar...

(Um dos homens, aproximando-se)

O HOMEM *(Para Roger)* – Então, é sim ou não?

ROGER – E se ela ficar?

O HOMEM – Você poderia cedê-la por duas horas?

ROGER – Chantal pertence...

CHANTAL – A ninguém!

ROGER – Ao meu setor.

O HOMEM – À Insurreição!

ROGER – Se o que vocês querem é mulher para arrebanhar homens, fabriquem uma.

O HOMEM – Procuramos. Não há. Tentamos fabricar uma: voz bonita, seios bonitos à mostra, mas sem fogo nos olhos; e você sabe, sem o fogo... Convocamos as da zona Norte e as do Cais do Porto: não estavam livres.

CHANTAL – Uma mulher como eu? Outra? Tudo o que tenho é o meu rosto de coruja, a minha voz rouca que dou ou empresto a serviço do ódio. Nada sou além de meu rosto, de minha voz e dentro de mim uma adorável bondade envenenada. Tenho duas rivais populares? Outras miseráveis? Que venham, farei com que elas morram na luta. Não tenho rivais.

ROGER *(Explodindo)* – Eu a arranquei de um túmulo. E ela agora me escapa e sobe aos céus. Se eu a emprestar a vocês...

O HOMEM – Ninguém está pedindo emprestado, nós queremos é alugar.

CHANTAL *(Divertida)* – Quanto?

ROGER – Mesmo alugada para que ela vá cantar e subverter o pessoal do seu subúrbio, se for liquidada, perdemos tudo. Ninguém a substituirá.

O HOMEM – Ela tinha aceito.

ROGER – Ela não se pertence. Ela é nossa. É o nosso símbolo. Suas mulheres só servem para arrancar e juntar pedras, ou recarregar as armas. Sei que é difícil, mas...

O HOMEM – Quantas mulheres quer em troca?

ROGER *(Pensativo)* – É tão importante assim uma cantora nas barricadas?

O HOMEM – Quantas? Dez mulheres por Chantal? *(Pausa)* Vinte?

ROGER – Vinte mulheres? Estariam dispostos a pagar vinte mulheres por Chantal? Vinte bois, vinte cabeças de gado? Então Chantal é uma pessoa excepcional? E você sabe de onde ela vem?

CHANTAL *(Para Roger, com violência)* – Todas as manhãs volto – resplandeço à noite – volto à minha toca para dormir – tão casta, meu amor! – e deixar-me aniquilar pelo vinho. E eu, com minha voz áspera, minha cólera fingida, meus olhos de camafeu, minha iluminação pintada, meus cabelos andaluzes, consolo e encanto dos miseráveis. Eles vencerão e minha vitória será uma vitória estranha.

ROGER *(Pensativo)* – Vinte mulheres por Chantal?

O HOMEM *(Preciso)* – Cem.

ROGER *(Sempre pensativo)* – E é através dela, sem dúvida, que venceremos. Ela já encarna

a Revolução...

O HOMEM – Cem. Você concorda?

ROGER – Onde vai levá-la? E que é que ela vai fazer?

CHANTAL – Veremos. Fique sossegado, tenho uma boa estrela. Além disso, conheço meus poderes. Eles me amam, me ouvem e me seguem.

ROGER – O que é que ela vai fazer?

O HOMEM – Quase nada. De madrugada, como você sabe, atacamos o Palácio. Chantal será a primeira a entrar e cantará de um balcão. É só.

ROGER – Cem mulheres. Mil e até mais. Ela deixou de ser uma mulher. A criatura que fizeram dela, por raiva e por desespero, não tem preço. E para lutar contra uma imagem que Chantal se imobiliza numa imagem. A luta não mais transcorre na realidade, mas em campo fechado. Em campo azulado. É o combate das alegorias. Nenhum de nós consegue mais ver os movimentos de nossa revolta. Então é porque ela estava fadada a isso.

O HOMEM – Como é? Feito? Responda, Chantal. É você que deve responder.

CHANTAL *(Para o homem)* – Afaste-se. Ainda tenho alguma coisa a dizer.

(Os três homens se afastam, penetram na sombra)

ROGER *(Com violência)* – Não raptei você para que se transformasse num unicórnio ou numa águia de duas cabeças.

CHANTAL – Você não gosta de unicórnios.

ROGER – Com eles, nunca soube fazer amor. *(Acariciando-a)* Nem com você.

CHANTAL – Você quer dizer que eu não sei amar. Eu te decepciono. Mas eu te amo. E você me alugou por cem operárias.

ROGER – Perdão. Eu preciso. Mas eu te amo. Eu te amo e não sei como dizer, não sei cantar. E o último recurso é o canto.

CHANTAL – Antes que o dia se levante, terei de partir. Se o setor da zona Norte triunfou, dentro de uma hora a Rainha estará morta. O Chefe de Polícia perdido. Caso contrário, nunca mais sairemos deste bordel.

ROGER – Mais um minuto, meu amor, minha vida. Ainda é noite.

CHANTAL – É a hora em que a noite se desfaz do dia, minha pombinha, deixe-me partir.

ROGER – Não suportarei os minutos que vou passar sem você.

CHANTAL – Não vamos nos separar, prometo. Eu lhes falarei com frieza enquanto que para você vou murmurar palavras de amor. Daqui, você ouvirá e eu escutarei as que você disser.

ROGER – Eles podem deter você, Chantal. Eles são fortes. É o que se diz deles, são fortes como a morte.

CHANTAL – Não tenha medo, meu amor. Conheço o poder que eles têm. A sua doçura e a sua ternura são mais fortes. Falarei com severidade, pedirei o que o povo exige. Vão me ouvir porque têm medo. Deixe-me partir.

ROGER *(Num grito)* – Chantal, eu te amo!

CHANTAL – Ah, meu amor, é por te amar que devo partir.

ROGER – Você me ama?

CHANTAL – Amo porque você é terno e doce, você, o mais duro e o mais severo dos homens. E sua doçura e sua ternura são tão grandes que o tornam leve como um trapo de filó, sutil como um floco de bruma, aéreo como um capricho. Seus músculos espessos, seus braços, suas coxas, suas mãos são mais irreais que a passagem do dia para a noite. Você me envolve e eu te contenho.

ROGER – Chantal, eu te amo porque você é dura e severa, você, a mais terna e a mais doce das mulheres. Sua doçura e sua ternura são tão grandes que a tornam severa como uma lição, dura como a fome, inflexível como um pedaço de gelo. Seus seios, sua pele, seus cabelos são mais irreais que a certeza do meio-dia. Você me envolve e eu te contenho.

CHANTAL – Quando estiver lá, quando eu estiver falando com eles, ouvirei dentro de mim seus suspiros e suas queixas, e o bater de seu coração. Deixe-me partir.

ROGER *(Retendo-a)* – Ainda há tempo. Ainda resta um pouco de sombra ao redor dos muros. Você passará por trás do Arcebispado. Você conhece o caminho.

UM DOS REVOLTOSOS *(Em voz baixa)* – Está na hora, Chantal.

CHANTAL – Está ouvindo? Eles me chamam.

ROGER *(Subitamente irritado)* – Mas por que você? Você nunca saberá falar com eles.

CHANTAL – Saberei melhor que ninguém. Eu tenho talento.

ROGER – Eles são sabidos, espertos...

CHANTAL – Inventarei os gestos, as atitudes, as frases. Antes que pronunciem uma palavra, terei compreendido e você ficará orgulhoso de minha vitória.

ROGER – Deixe que eles partam. *(Aos revoltosos, grita)* Vocês, vão embora. Ou então vou eu, se é que têm medo. Vou dizer a eles que obedeçam porque somos a lei.

CHANTAL – Não se incomodem, ele está bêbado. *(Para Roger)* Eles só sabem lutar e você

só sabe amar. E o papel que vocês aprenderam. Comigo, é diferente. O bordel pelo menos me serviu: foi nele que aprendi a arte de fingir, de representar. Tive de representar tantos papéis que conheço quase todos. E tive tantos parceiros...

ROGER – Chantal!

CHANTAL – E tão sabidos e tão espertos, tão eloquentes que minha sabedoria, minha astúcia, minha eloquência são incomparáveis. Posso tratar de igual para igual a Rainha, o Herói, o Juiz, o Bispo, o General, a Tropa heroica... e enganá-los.

ROGER – Conhece todos os papéis, não é? Ainda há pouco você me dava a deixa...

CHANTAL – Isto se aprende depressa. É você mesmo...

(Os três revoltosos aproximaram-se)

UM DOS REVOLTOSOS *(Puxando Chantal)* – Chega de conversa. Vamos.

ROGER – Chantal, fique!

(Chantal afasta-se levada pelos revoltosos)

CHANTAL – Eu te envolvo e te contemplo, meu amor...

(Desaparece em direção ao Balcão, empurrada pelos três homens)

ROGER *(Sozinho)* – ... e tive tantos parceiros, e tão sabidos e tão espertos... que ela teve de se esforçar para lhes dar uma resposta. A que eles queriam. Dentro em pouco terá parceiros espertos e sabidos. Ela será a resposta que eles esperam.

(À medida que fala o cenário se afasta para a esquerda. Escurece. Quando volta a luz o cenário do quadro seguinte já está colocado)

Sétimo Quadro

Cenário

O salão funerário citado na lista dos Salões de Madame Irma. Este salão encontra-se em ruínas. Os planejamentos – rendas negras e veludos – pendem rasgados. As coroas de pérolas estão desfeitas. Impressão de desolação. O vestido de Madame Irma em farrapos. O terno do chefe de Polícia também. Cadáver de Arthur sobre uma espécie de falso túmulo de falso mármore preto. Perto dele, uma nova personagem: o Enviado da Corte. Uniforme de embaixador. É o único que está em condições. Carmen está vestida como no início. Uma grande explosão. Tudo treme.

O ENVIADO *(Desenvolto e grave ao mesmo tempo)* – Há não sei quantos séculos que os séculos se gastam para me requintar... para me tomar mais sutil... *(Sorri)* Qualquer coisa nesta explosão, sua força à qual se mistura um tinido de joias e de espelhos quebrados, me diz que se trata do Palácio Real... *(Todos se olham, aterrados)* Não deixemos transparecer nenhuma emoção. Enquanto não estivermos assim... *(Indica o cadáver de Arthur)*

IRMA – Ele não esperava desempenhar tão bem, esta noite, o seu papel de cadáver.

O ENVIADO *(Sorridente)* – Nosso caro Ministro do Interior teria ficado maravilhado, se ele próprio não tivesse tido o mesmo destino. Infelizmente sou eu quem deve substituí-lo em sua missão junto a vocês e não acho mais graça neste tipo de volúpia. *(Toca com o pé o cadáver de Arthur)* Sim, este corpo teria levado nosso caro Ministro ao auge do prazer.

IRMA – Não acredite, Sr. Enviado. O que estes senhores querem é a fantasia. O Ministro desejava um cadáver falso. E Arthur é um verdadeiro morto. Veja-o: está mais verdadeiro que quando vivo. Tudo nele tendia à imobilidade.

O ENVIADO – Então, seu destino era a grandeza.

O CHEFE DE POLÍCIA – Ele? Bronco e frouxo...

O ENVIADO – Como nós, ele também se obstinava na procura da imobilidade. O que chamamos de hierático. E, a propósito, permitam-me saudar a imaginação responsável pela criação de um salão funerário nesta casa.

IRMA *(Com orgulho)* – E o senhor ainda não viu tudo.

O ENVIADO – De quem foi a ideia?

IRMA – Da sabedoria das Nações, Sr. Enviado.

O ENVIADO – Tudo que ela faz é bem feito. Mas tornemos a falar da Rainha a quem tenho por missão proteger.

O CHEFE DE POLÍCIA *(Aborrecido)* – E o senhor o faz de uma maneira curiosa. Pelo que o senhor está dizendo, o Palácio...

O ENVIADO *(Sorrindo)* – No momento, Sua Majestade se encontra em lugar seguro. Mas o tempo voa. O prelado, dizem, teria sido decapitado. O Arcebispado foi saqueado. O Palácio da Justiça e o Estado-Maior estão em ruínas...

O CHEFE DE POLÍCIA – E a Rainha?

O ENVIADO *(Com utilidade)* – Borda. Por um momento, ocorreu-lhe cuidar dos feridos. Mas, mostramos que o trono estava ameaçado e deveria levar ao extremo as prerrogativas reais.

IRMA – Que são...?

O ENVIADO – A Ausência. Sua Majestade retirou-se para um quarto, solitária. A desobediência de seu povo entristece-a. Está bordando um lenço. Eis o desenho: os quatro cantos serão ornados com papoulas. No centro do lenço, sempre bordado em seda azul-pálido, haverá um cisne, parado sobre a água de um lago, de um açude ou de um charco? Ou simplesmente de uma bacia ou de uma xícara? É um problema grave. Nós o escolhemos porque é insolúvel e porque a Rainha pode se abstrair numa meditação infinita.

IRMA – A Rainha se diverte?

O ENVIADO – Sua Majestade se dedica integralmente em se tornar o que deve ser: a Rainha. *(Olha o cadáver)* Também ela caminha rapidamente para a imobilidade.

IRMA – E ainda borda?

O ENVIADO – Não, minha senhora. Digo que a Rainha borda um lenço pois, se é meu dever descrevê-la, é ainda meu dever dissimulá-la.

IRMA – O senhor quer dizer que ela não borda?

O ENVIADO – Quero dizer que a Rainha borda e não borda. Ela mete o dedo no nariz, tira meleca, examina bem e torna a se deitar. Depois, enxuga a louça.

IRMA – A Rainha?

O ENVIADO – Não está cuidando dos feridos. Está bordando um lenço invisível...

O CHEFE DE POLÍCIA – Porra! O que foi que você fez com Sua Majestade? Responda, e fale claro. Eu aqui não estou brincando...

O ENVIADO – Ela está num cofre. Dorme. Enrolada nas pregas da realeza, ela ronca...

O CHEFE DE POLÍCIA *(Ameaçador)* – A Rainha esta morta?

O ENVIADO *(Impassível)* – Ela ronca e não ronca. Sua cabeça, minúscula, suporta, sem vergar, uma coroa de metal e de pedras.

O CHEFE DE POLÍCIA *(Cada vez mais ameaçador)* – Adiante. O senhor me disse que o Palácio corria perigo... E o que é preciso fazer? Ainda tenho comigo quase a totalidade da

polícia. Os homens que me restam morreriam por mim... Sabem quem sou e o que farei por eles... Também eu tenho meu papel a desempenhar. Mas se a Rainha está morta, tudo será discutido de novo. Ela é o meu apoio e é em seu nome que eu trabalho para fazer-me um nome. Em que pé está a revolta? Fale claro.

O ENVIADO – Você pode avaliar pelo estado desta casa. E pelo seu... Tudo parece perdido.

IRMA – O senhor é da Corte, Excelência. Antes de chegar aqui, eu estava com as tropas onde prestei os meus primeiros serviços. Posso lhe assegurar que já passei por situações piores. O populacho berra sob minhas janelas multiplicadas pelas bombas: minha casa aguenta bem. Meus quartos não estão intactos, mas aguentam. Minhas putas, com exceção de uma louca, continuam trabalhando. Se o cabeça do Palácio for uma mulher como eu...

O ENVIADO *(Imperturbável)* – A Rainha está de pé numa perna só, no meio de um quarto vazio, e ela...

O CHEFE DE POLÍCIA – Basta! Estou farto de suas charadas. Para mim, a Rainha tem de ser alguém. A situação concreta. Descreva-a com exatidão. Não tenho tempo a perder.

O ENVIADO – Quem o senhor quer salvar?

O CHEFE DE POLÍCIA – A Rainha!

CARMEN – A bandeira!

IRMA – Minha pele!

O ENVIADO *(Para o Chefe de Polícia)* – Se insiste em salvar a Rainha – e com ela, nossa bandeira e todas suas franjas de ouro, e sua águia, suas cordas e seu mastro, o senhor poderia descrevê-los?

O CHEFE DE POLÍCIA – Até agora eu tenho servido muito bem ao que o senhor diz, e sem me preocupar em conhecer outra coisa que não fosse o que via. Continuarei a servir. Em que pé está a revolta?

O ENVIADO *(Resignado)* – As grades dos jardins ainda podem conter a multidão. Como nós, os guardas também são dedicados, de uma obscura dedicação. Seriam capazes de morrer por sua soberana. Eles dariam seu sangue. Infelizmente não seria bastante para afogar a revolta. Empilharam sacos de areia em frente às portas. A fim de confundir até mesmo a razão, Sua Majestade se transporta de um quarto secreto para outro, da copa à sala do Trono, das latrinas ao galinheiro, à capela, ao quartel... Ela se torna difícil de encontrar e desta forma consegue uma invisibilidade ameaçada. Isto, quanto ao interior do Palácio.

O CHEFE DE POLÍCIA – E o Generalíssimo?

O ENVIADO – Enlouqueceu. Perdido na multidão, ninguém lhe fará mal: sua loucura o protege.

O CHEFE DE POLÍCIA – E o Procurador?

O ENVIADO – Morreu de medo.

O CHEFE DE POLÍCIA – E o Bispo?

O ENVIADO – Seu caso é mais complicado. A Igreja é secreta. Dele nada se sabe. Nada de preciso. Parece que sua cabeça foi vista sobre o guidom de uma bicicleta. O boato era falso, naturalmente. Portanto, só contamos com o senhor. Mas suas ordens não chegam ao seu destino.

O CHEFE DE POLÍCIA – Lá embaixo, nos corredores e nos salões, tenho muitos homens fiéis para nos proteger. Eles podem manter contato com minhas delegacias...

O ENVIADO *(Interrompendo-o)* – Seus homens estão uniformizados?

O CHEFE DE POLÍCIA – Claro. São os meus guarda-costas. O senhor pensa que eu ando com guarda-costas de blusão? Uniformizados. De preto. Com o meu distintivo. Guardado, por enquanto. São violentos. Eles também querem vencer.

O ENVIADO – Para salvar o quê? *(Pausa)* O senhor não responde? Perturbaria o senhor ver

as coisas como elas são? Pousar um olhar tranquilo sobre o mundo e aceitar a responsabilidade desse olhar, visse o que visse?

O CHEFE DE POLÍCIA – Mas quando o senhor veio me procurar, tinha alguma coisa em mente? Tinha um plano? Diga-me.

(De repente, ouve-se uma grande explosão. Todos dois, menos Irma, deitam-se no chão, depois se levantam e um tira o pó do outro)

O ENVIADO – Poderia ter sido o Palácio Real. Viva o Palácio Real!

IRMA – Mas... e a explosão de ainda há pouco?

O ENVIADO – Um palácio real nunca termina de explodir. Ele é exatamente isto: uma explosão sem fim.

(Entra Carmen – joga um lençol preto sobre o cadáver de Arthur e põe ordem às coisas)

O CHEFE DE POLÍCIA *(Consternado)* – E a Rainha... Mas então a Rainha está sob os escombros?...

O ENVIADO *(Sorrindo misteriosamente)* – Não se preocupe, Sua Majestade está em lugar seguro. E morta, esta fênix saberia renascer das cinzas de um palácio real. Compreendo que esteja impaciente para lhe dar provas de sua valentia, de sua fidelidade... mas a Rainha esperará o tempo necessário. *(A Irma)* Devo render homenagem, minha senhora, a seu sangue-frio. E a sua coragem. São dignos do mais alto respeito... *(Sonhador)* Dos mais altos...

IRMA – O senhor esquece com quem está falando. É verdade que mantenho um bordel, mas não nasci das núpcias da lua com um crocodilo: eu vivia com o povo... Mesmo assim, o golpe foi rude. E o povo...

O ENVIADO *(Severo)* – Esqueça isso. Quando a vida escapa, as mãos se agarram a um lençol. Que significado tem este trapo no momento de penetrar na fixidez providencial?

IRMA – Como? O senhor quer dizer que estou agonizando...

O ENVIADO *(Examinando-a detalhadamente)* – Soberbo animal! Coxas bem implantadas! Ombros sólidos... Cabeça...

IRMA *(Rindo)* – Já me disseram o mesmo, imagine, e eu não perdi a cabeça. No final das contas, até que eu seria uma morta apresentável, se os revoltosos se apressarem e me deixarem intacta. Mas se a Rainha está morta...

O ENVIADO *(Inclinando-se)* – Madame, viva a Rainha.

IRMA *(Primeiramente embarga a, depois irritada)* – Não gosto que se divirtam às minhas custas. Acabe com essas estórias. E depressa.

O ENVIADO *(Com vivacidade)* – Eu lhe descrevi a situação. O povo, em seu furor e em sua alegria, está à beira do êxtase: cabe a nós precipitá-lo nisso.

IRMA – Ao invés de ficar aí a dizer asneiras, vá escavar os escombros do Palácio para retirar a Rainha. Mesmo que esteja um pouco tostada...

O ENVIADO *(Severo)* – Não. Uma Rainha cozida efeito papa não é nada apresentável. Mesmo em vida, era menos bela que a senhora.

IRMA *(Olhando-se no espelho, com complacência)* – Vinha de mais longe... Era mais velha... E talvez tivesse tanto medo quanto eu.

O CHEFE DE POLÍCIA – É para nos aproximarmos dela, é para sermos dignos de sua graça que nos esforçamos tanto. Mas o que aconteceria se alguém fosse ela própria?

(Carmen para e ouve)

IRMA – Não sei falar. Minha língua se enrola a cada segundo.

O ENVIADO – Tudo deve se passar num silêncio que a etiqueta não permite romper.

O CHEFE DE POLÍCIA – Vou fazer o necessário para que desentulhem o Palácio Real. É possível salvar a Rainha, se estiver encerrada num cofre, como o senhor diz.

O ENVIADO *(Dando de ombros)* – Um cofre de pau-rosa! E tão velho, tão gasto!... *(Para Irma e colocando a mão sobre a sua nuca)* Sim, é preciso ter vértebras sólidas... para carregar muitos quilos...

O CHEFE DE POLÍCIA – E resistir ao cutelo, não é? Irma, não lhe dê ouvidos! *(Ao Enviado)* E eu, então, que acontece comigo? Sou o homem forte deste país, é verdade, porque me apoiei na coroa. Eu controlo a maioria porque tive a boa ideia de servir à Rainha... mesmo algumas vezes parecia fazer alguma trapaça... parecia, ouviu? ... Não há de ser Irma...

IRMA *(Ao Enviado)* – Sou muito fraca, meu senhor, e muito frágil, no fundo. Ainda há pouco eu me gabava.

O ENVIADO *(Com autoridade)* – Em torno desta amêndoa delicada e preciosa forjaremos uma capa de ouro e ferro. Mas é preciso decidir-se rapidamente.

O CHEFE DE POLÍCIA *(Furioso)* – Antes de mim! Desta forma, Irma passará na minha frente! Todo o trabalho que tive para ser o chefe não serviria para nada. Enquanto que ela, bem acolchoada em seus salões, só teria de fazer um sinal com a cabeça... Se estou no poder, de bom grado imponho Irma.

O ENVIADO – Impossível. É dela que vem a sua autoridade. É preciso que ela surja por direito divino. Não se esqueça que o senhor ainda não é representado nos salões.

IRMA – Conceda-me um pouco de descanso...

O ENVIADO – Alguns segundos, o tempo urge.

O CHEFE DE POLÍCIA – Se houvesse uma maneira de saber o que pensa a soberana defunta... Nós não podemos decidir assim tão facilmente. Apoderar-se de uma herança...

O ENVIADO *(Desdenhoso)* – O senhor trapaceia. Treme, quando não existe acima do senhor uma autoridade que decida? Mas é a Madame Irma que cabe pronunciar...

IRMA *(Com uma voz pretensiosa)* – Nos arquivos da nossa família, que data de muito tempo, tratava-se...

O ENVIADO *(Severo)* – Frivolidades, Madame Irma. Em nossos porões, genealogistas trabalham noite e dia. Eles é que fazem a História. Disse que não temos um minuto a perder para vencer o povo. Mas, cuidado! Embora o povo adore a senhora, seu orgulho patético é capaz de sacrificá-la. Ele a vê vermelha, seja de púrpura, seja de sangue. Do seu sangue. Se o povo mata seus ídolos e os lança no esgoto, a senhora será arrastada com eles... *(Ouve-se ainda a mesma explosão. O Enviado sorri)*

O CHEFE DE POLÍCIA – O risco é muito grande.

CARMEN *(Intervindo)* – Cabe a Madame Irma decidir. *(A Irma)* Os ornamentos estão prontos.

IRMA *(Ao Enviado)* – O senhor, ao menos, tem certeza do que diz? Está bem a par? E seus espiões?

O ENVIADO – Eles nos informaram com tanta fidelidade quanto as suas vigias mergulhando nos seus salões. *(Sorrindo)* E devo dizer que os consultamos com o mesmo delicioso arrepio. Mas é preciso agir depressa. Estamos empenhados numa corrida contra o relógio. Eles ou nós. Madame Irma, pense com velocidade.

IRMA *(Cabeça entre as mãos)* – Estou me apressando. Estou chegando ao meu destino, tão depressa quanto possível... *(A Carmen)* Vá ver o que estão fazendo.

CARMEN – Eu os tranquei a chave.

IRMA – Prepare-os.

O ENVIADO *(A Carmen)* – E de você, que faremos de você?

CARMEN – Estou aqui para a eternidade. *(Sai)*

O ENVIADO – Outra coisa. E esta é mais delicada. Falei de uma imagem que desde alguns dias sobe ao céu da revolta...

IRMA – A revolta também tem um céu?

O ENVIADO – Não a inveje. A imagem de Chantal circula pelas ruas. Uma imagem que se parece e não se parece com ela. Domina os combates. Lutava-se primeiramente contra os tiranos ilustres e ilusórios, a seguir pela Liberdade; amanhã é por Chantal que se deixarão matar.

IRMA – Ingrata! Ela que era uma Diane de Poitiers tão requintada.

O CHEFE DE POLÍCIA – Ela não aguentará. É como eu, não tem pai nem mãe. Transformando-se numa imagem, nós nos serviremos dela. *(Pausa)* ... Uma máscara...

O ENVIADO – O que há de belo na terra, o senhor deve às máscaras.

(De repente toca a campainha. Madame Irma vai atender correndo, mas se detém. Ao Chefe de Polícia)

IRMA – É Carmen. Que é que ela está dizendo? Que estão fazendo?

(O Chefe de Polícia pega um fone)

O CHEFE DE POLÍCIA *(Transmitindo)* – Aguardando o momento de voltarem para suas casas, eles se olham nos espelhos.

IRMA – Quebrem, ou cubram os espelhos. *(Um silêncio. Ouve-se um crepitar de metralhadoras)* Minha decisão está tomada. Creio ter sido chamada da eternidade e que Deus me abençoará. Vou preparar-me na oração.

O ENVIADO *(Grave)* – A senhora tem trajes de cerimônia?

IRMA – Meus salões são célebres, meus armários também. *(Subitamente preocupada)* É verdade que tudo deve estar em mau estado! As bombas, a caliça, a poeira. Digam a Carmen para escovar os trajes! *(Ao Chefe de Polícia)* Georges... Este minuto é o último que passamos juntos! Depois não seremos mais o que somos...

(Discretamente o Enviado se afasta e se aproxima da janela)

O CHEFE DE POLÍCIA *(Com ternura)* – Mas eu te amo.

O ENVIADO *(Voltando-se e falando com desprendimento)* – Pensem naquela montanha ao norte da cidade. Todos os operários estavam trabalhando quando a revolta explodiu... *(Pausa)* Estou me referindo ao projeto de um túmulo...

O CHEFE DE POLÍCIA *(Com voracidade)* – Vamos ao plano!

O ENVIADO – Mais tarde. Uma montanha de mármore vermelho com quartos e nichos, e no centro uma guarita de diamantes.

O CHEFE DE POLÍCIA – E eu ficarei de pé ou sentado, velando toda minha morte?

O ENVIADO – Aquele que a tiver, ali ficará morto, pela eternidade. Ao seu redor, o mundo se ordenará. Os planetas e os sóis vão girar. De um ponto secreto do terceiro quarto sairá o caminho que vai levar, depois de muitas complicações, um a outro quarto onde os espelhos refletirão até o infinito... Digo infinito...

O CHEFE DE POLÍCIA – Percebo!

O ENVIADO – ... a imagem de um morto.

IRMA *(Apertando contra si o Chefe de Polícia)* – Então eu serei verdadeira? Minha roupa

será verdadeira? Minhas rendas, minhas joias serão verdadeiras? O resto do mundo...

(Crepitar de metralhadoras)

O ENVIADO *(Após uma última espiada através das persianas)* – Sim, mas depressa. Vá para os seus aposentos. Borde um interminável lenço... *(Ao Chefe de Polícia)* O senhor, dê suas últimas ordens a seus últimos homens... *(Vai até um espelho. De seu bolso retira toda uma coleção de condecorações e prende-as em sua túnica. O Enviado, num tom vulgar)* E rápido. Estou perdendo o meu tempo com suas cretinices.

Oitavo Quadro

Cenário

É o próprio balcão, destacando-se da fachada de uma casa suspeita. Persianas cerradas, frente ao público. Subitamente, todas as persianas se abrem. A borda do balcão encontra-se à beira da ribalta. Pelas janelas, percebe-se o Bispo, o General e o Juiz que se preparam. Finalmente a janela se abre. Eles saem para o balcão. Primeiro o Bispo, depois o General e depois o Juiz. Finalmente o Herói. Depois a Rainha; Madame Irma, com o diadema à cabeça e usando um manto de arminho. Todas as personagens se aproximam e se colocam com grande timidez. Estão silenciosas. Simplesmente se mostram. Todos têm proporções descomunais, gigantescas – salvo o Herói. Isto é, o Chefe de Polícia – e estão vestidos com roupas de cerimônia, mas rasgadas e empoeiradas. Surge então perto deles, mas fora do balcão, o Mendigo.

O MENDIGO *(Grita com voz doce)* – Viva a Rainha!

(Vai embora, timidamente, como chegou. Depois, um forte vento agita as cortinas: surge Chantal. A Rainha faz-lhe uma reverência. Um tiro. Chantal cai. O General e a Rainha levam-na, morta)

Nono Quadro

Cenário

Quarto de Irma, desarrumado, como se tivesse passado um furacão. Ao fundo, um grande espelho de duas abas, formando a parede. Uma porta à direita e outra à esquerda. Três máquinas fotográficas sobre tripés. Ao lado de cada máquina, um fotógrafo. São jovens de aspecto muito vivo, vestindo casaco de couro preto e blue-jeans apertados. Fisionomias irônicas. Em seguida, muito timidamente, surgem, um de cada vez, o Bispo pela direita, o Juiz e o General pela esquerda. Quando se veem, fazem uma profunda reverência. Depois, o General cumprimenta militarmente o Bispo e este abençoa o General.

O JUIZ *(Com um suspiro de alívio)* – O que passamos!

O GENERAL – E ainda não acabou! É preciso inventar toda uma vida... Dificil...

O BISPO *(Irônico)* – ... Difícil ou não, é preciso continuar. Não se pode mais recuar. Antes de subir na carruagem...

O GENERAL – A lentidão da carruagem!...

O BISPO – ... antes de subir na carruagem ainda era possível fugir. Mas agora...

O JUIZ – O senhor acha que nos reconheceram? Eu estava no meio, escondido entre dois perfis. Na minha frente, Irma... *(Espanta-se com este nome)* Irma? A Rainha... A Rainha escondia meu rosto... O senhor acha que...

O BISPO – Não tenha receio. Sabe quem vi... à direita?... *(Não pode deixar de rir)* Com sua cara bochechuda, alegre e rosada, apesar da cidade estar em pandarecos *(Os outros dois sorriem)* com aquelas suas covinhas e seus dentes estragados? E que se atirou em, minhas mãos... Pensei que fosse para me morder e eu já ia escondendo meus dedos... e era para beijar

meu anel? Sabem quem? Meu quitandeiro!

(O Juiz ri)

O GENERAL *(Sombrio)* – A lentidão da carruagem! As rodas da carruagem sobre os pés e sobre as mãos do povo! A poeira!

O JUIZ *(Preocupado)* – Eu estava em frente à Rainha. Pela janela de trás, uma mulher...

O BISPO *(Interrompendo)* – Eu também vi, na porta esquerda, ela corria mandando beijos!

O GENERAL *(Cada vez mais sombrio)* – A lentidão da carruagem! Prosseguíamos suavemente por entre a multidão suada! Seus uivos pareciam ameaças: mas estavam apenas saudando! Um homem poderia cortar o jarrete dos cavalos, atirar com uma pistola, desatrelar a carruagem, pôr nos os arreios, amarrar-nos aos varais ou aos cavalos, esquartejar ou nos transformar em burros de carga: qual nada! Somente flores jogadas de uma janela e um povo que se inclinava diante de sua Rainha, imponente sob a sua nova coroa dourada... *(Pausa)* E os cavalos caminhando a passo... E o Enviado de pé na calçada!

(Pausa)

O BISPO – Ninguém podia nos reconhecer no meio de tanto esplendor. O povo ofuscado refletia nos olhos este esplendor...

O JUIZ – Faltou pouco...

O BISPO *(Sempre irônico)* – E aqueles pobres coitados, esgotados pelos combates, sufocados pela poeira, aguardavam o cortejo. Enfim, não se pode mais recuar. Fomos escolhidos...

O GENERAL – Por quem?

O BISPO *(Subitamente enfático)* – Pela Glória em pessoa.

O GENERAL – Esta mascarada?

O BISPO – Depende de nós que esta mascarada mude de significação. Primeiro, empreguemos palavras que enalteçam. Vamos agir depressa, e com precisão. Erros não são permitidos. *(Com autoridade)* Quanto a mim, chefe simbólico da Igreja nesta terra, quero tornar-me um chefe efetivo. Ao invés de abençoar, abençoar e abençoar até não mais poder, vou assinar decretos e nomear padres. O clero se organiza. Uma basílica está sendo construída. Está tudo aqui. *(Mostra uma pasta que trazia sob o braço)* Repleta de planos, de projetos. *(Ao Juiz)* E o senhor?

O JUIZ *(Olhando seu relógio de pulso)* – Tenho encontro com vários magistrados. Estamos preparando novas leis, uma revisão do código. *(Ao General)* E o senhor?

O GENERAL – Oh, eu, suas ideias entram por um ouvido e saem por outro. A arte da Guerra não se faz brincando. Os Estados-Maiores...

O BISPO *(Interrompendo)* – Como tudo mais, o destino das armas pode ser lido em suas estrelas. Então, decifre suas estrelas, porra!

O GENERAL – É fácil de dizer. Mas quando o Herói voltar sentado solidamente sobre sua bunda como num cavalo... Pois, naturalmente, continua não acontecendo nada...

O BISPO – Nada. Mas não nos alegremos tão depressa. Se a imagem dele ainda não foi consagrada no bordel, isto pode acontecer. Será então nossa derrota. A não ser que vocês se esforcem o suficiente para tomar o poder. *(Subitamente se interrompe. Um dos fotógrafos pigarreia, como se fosse cuspir, outro estala os dedos como uma dançarina espanhola. Severo)* Eu sei que vocês estão aí. Façam o trabalho rapidamente, e em silêncio, se possível. Fotografem nossos perfis, um lado sorrindo e o outro mais sério.

O PRIMEIRO FOTÓGRAFO – Não se preocupe, vamos começar nosso trabalho. *(Ao Bispo)* Faça uma pose de oração porque é sob a imagem de um homem piedoso que o mundo deve ser arrasado.

O BISPO *(Sem se mover)* – Numa meditação ardente.

O PRIMEIRO FOTÓGRAFO – Ardente. Arrume-se.

O BISPO *(Pouco à vontade)* – Mas... como?

O PRIMEIRO FOTÓGRAFO *(Risonho)* – O senhor não sabe como se faz para rezar? Diante de Deus e diante da objetiva. As mãos juntas. A cabeça erguida. Os olhos baixos. É a pose clássica. Volta à ordem. Volta ao classicismo.

O BISPO *(Ajoelhando-se)* – Assim?

O PRIMEIRO FOTÓGRAFO *(Olhando com curiosidade)* – Sim... *(Olha para a câmara)* Não! O senhor não está enquadrado... *(De joelhos, arrastando-se, o Bispo coloca-se diante da câmara)* Ótimo.

O SEGUNDO FOTÓGRAFO *(Ao Juiz)* – Por favor, faça uma cara mais compenetrada. O senhor não parece um Juiz. Assim, mais comprida...

O JUIZ – De cavalo? Triste?

O SEGUNDO FOTÓGRAFO – De cavalo triste, Excelência. E as patas dianteiras sobre a pasta... O que eu quero é uma fotografia de Juiz. O bom fotógrafo é o que sugere a imagem de-fi-ni-ti-va. Perfeito.

O PRIMEIRO FOTÓGRAFO *(Ao Bispo)* – Vire-se... um pouco...

(Vira-lhe a cabeça)

O BISPO *(Colérico)* – O senhor está desaparafusando o pescoço de um prelado!

O PRIMEIRO FOTÓGRAFO – Monsenhor, o senhor deve rezar três quartos.

O SEGUNDO FOTÓGRAFO *(Ao Juiz)* – Excelência, se for possível, um pouco mais de severidade... o lábio pendurado... *(Num grito)* Oh! Perfeito! Fique como está!

(Corre para trás da câmara e logo há um clarão de magnésio: é o primeiro fotógrafo que acaba de tirar a fotografia. O segundo mete-se debaixo do pano preto de sua câmara)

O GENERAL *(Ao terceiro fotógrafo)* – A mais bela pose é a de Turenne...

O TERCEIRO FOTÓGRAFO *(Fazendo uma pose)* – Com a espada?

O GENERAL – Não, não. Assim é Bayard. Não, o braço esticado e o bastão de Marechal...

O TERCEIRO FOTÓGRAFO – Ah, o senhor quer dizer Wellington?

O GENERAL – Infelizmente não tenho bastão...

(Enquanto isto o primeiro fotógrafo voltou para perto do Bispo, que não se moveu, e o examina em silêncio)

O TERCEIRO FOTÓGRAFO *(Para o General)* – Temos tudo que é preciso. Segure, e faça a pose.

(Enrola uma folha de papel em forma de bastão de Marechal, entrega-o ao General que assume a pose, em seguida corre para sua máquina, um clarão de magnésio: é o segundo fotógrafo que acaba de tirar a sua fotografia)

O BISPO *(Ao primeiro fotógrafo)* – Espero que o negativo fique bom. Agora, será preciso cobrir o mundo com a minha imagem recebendo a Eucaristia. Infelizmente, não temos uma hóstia à disposição...

O PRIMEIRO FOTÓGRAFO – Confie em nós, Monsenhor. Na profissão tudo se arranja. *(Chama)* Meritíssimo! *(O Juiz se aproxima)* Para uma foto bacana, o senhor vai me emprestar a sua mão um minuto, *(Com autoridade toma-o pela mão e coloca-o no lugar)* mas é só a mão que aparece... Aí... Arregace um pouco sua manga... em cima da língua de sua Eminência o

senhor vai segurar... *(Procura em seu bolso. Ao Bispo)* Ponha a língua para fora. Mais. Está bem. *(Continua procurando nos bolsos. Um clarão de magnésio: é o General que acaba de ser fotografado e que se levanta)* Merda! Não tenho nada! *(Olha ao seu redor. Ao Bispo)* Não se mexa, está perfeito. Dá licença?

(Sem esperar resposta, retira o monóculo do olho do General, volta ao grupo formado pelo Bispo e pelo Juiz. Obriga o Juiz a segurar o monóculo por cima da língua do Bispo, como se fosse uma hóstia, e corre para a sua câmara. Um clarão de magnésio. Há algum tempo, a Rainha, que chegou com o Enviado, observa a cena)

O ENVIADO – É uma imagem verdadeira, nascida de um espetáculo falso.

O PRIMEIRO FOTÓGRAFO *(Debochando)* – Isso acontece, Majestade. Quando prenderam os revoltosos pagamos um guarda para matar diante de nós um sujeito que ia me comprar um maço de cigarros. A foto representava um revoltoso abatido quando tentava fugir.

A RAINHA – É monstruoso!

O ENVIADO – O importante é o que se lê. A História foi vivida para que uma página gloriosa seja escrita e depois lida. *(Aos fotógrafos)* A Rainha pede que os felicite, meus senhores. Pede que voltem a seus postos.

(Os três fotógrafos colocam-se debaixo do pano preto de suas câmaras. Pausa)

RAINHA *(Baixinho, como se falasse consigo mesma)* – Ele não está aqui?

O ENVIADO *(Para as Três Figuras)* – A Rainha quer saber o que estão fazendo e o que pretendem fazer...

O BISPO – Recuperamos o maior número possível de mortos. Pretendemos embalsamá-los e guardá-los em nosso céu. Vossa Grandeza exige que se tenha feito uma matança geral entre os rebeldes. Nós só ficaremos com alguns mártires tombados em nossas fileiras e aos quais prestaremos homenagens que nos honrem.

A RAINHA *(Ao Enviado)* – Isto servirá à minha glória, não é?

O ENVIADO *(Sorrindo)* – Os massacres ainda são uma festa em que o povo se entrega ao prazer de nos odiar. Claro que estou falando do "nosso" povo. Afinal, ele pode erguer em seu coração uma estátua para enchê-la de pancadas. Pelo menos é o que espero.

A RAINHA – Isso quer dizer que a brandura e a bondade não conseguem nada?

O ENVIADO *(Sorrindo)* – Um salão São Vicente de Paula?

A RAINHA *(Aborrecida)* – E o senhor Juiz, que faz? Havia ordenado menos condenações à morte e mais trabalhos forçados. Espero que as galerias subterrâneas já estejam acabadas. *(Ao Enviado)* É a palavra forçados que me faz pensar nas galerias do mausoléu. Estão prontas?

O JUIZ – Completamente. Abertas ao público, aos domingos. Algumas abóbadas estão inteiramente ornadas pelos esqueletos dos condenados mortos na escavação.

A RAINHA *(Ao Bispo)* – E a Igreja? Aqueles que não trabalharam pelo menos uma semana nesta extraordinária capela encontram-se em estado de pecado mortal, suponho? *(O Bispo se inclina. Ao General)* Quanto ao senhor, conheço sua severidade: seus soldados fiscalizam os operários e merecem o belo nome de construtores. *(Sorrindo ternamente com uma fadiga simulada)* Pois como os senhores sabem, quero oferecer este túmulo ao Herói. Conhecem sua tristeza, não é, e como pode sofrer por não ter sido ainda representado.

O GENERAL *(Vangloriando-se)* – Terá muita dificuldade para atingir a glória. Os lugares estão reservados desde há muito tempo. Cada nicho tem sua estátua. *(Com fatuidade)* Nós, pelo menos...

O JUIZ – É sempre assim quando se quer começar de muito baixo. E, sobretudo, negando ou negligenciando o tradicional. A ordem estabelecida, de certa maneira.

A RAINHA *(Subitamente vibrante)* – No entanto, ele salvou tudo. Permitiu que prosseguissem suas cerimônias.

O BISPO *(Arrogante)* – Para falar com franqueza, não pensamos mais nisto. Minha anágua está me incomodando e minhas patas se atrapalham com as rendas. Temos de agir.

A RAINHA *(Indignada)* – Agir? Os senhores? O senhor quer dizer que vão nos destituído do poder?

O JUIZ – É preciso que exerçamos nossas funções...

A RAINHA – Funções! O senhor pensa em abatê-lo, diminuí-lo, tomar seu lugar!

O BISPO – No tempo – no tempo ou no espaço! – talvez existam altos dignatários encarregados da dignidade absoluta, revestidos com ornamentos verdadeiros...

A RAINHA *(Encolerizada)* – Verdadeiros! E estes, que são? Estes que o envolvem e o enfaixam – toda minha ortopedia! – e que vêm de meus armários, não são verdadeiros?

O BISPO *(Mostrando o arminho ao Juiz, a seda da sua roupa, etc.)* – Pele de coelho, cetinata, renda feita à máquina... a senhora pensa que até o fim de nossa vida vamos nos contentar com uma farsa?

A RAINHA *(Ofendida)* – Mas esta manhã... *(Ela se interrompe. Suavemente, humildemente entra o Chefe de Polícia)* Georges, cuidado com eles!

O CHEFE DE POLÍCIA *(Tentando sorrir)* – Acho que... a vitória... nós conquistamos a vitória... Posso me sentar? *(Senta-se. Em seguida, com o olhar, parece interrogar a todos)*

O ENVIADO *(Irônico)* – Não, ainda não veio ninguém. Ninguém experimentou ainda a necessidade de anular-se em sua fascinante imagem.

O CHEFE DE POLÍCIA – Os projetos que me foram apresentados têm pouca eficácia. *(À Rainha)* Nada? Ninguém?

A RAINHA *(Muito doce)* – Ninguém. No entanto, tornamos a fechar as persianas, os homens deveriam vir. Aliás, o dispositivo se encontra no lugar e seremos prevenidos por um carrilhão.

O ENVIADO *(Ao Chefe de Polícia)* – Meu plano desta manhã não lhe agradou. Ora, é a sua própria imagem que o obceca e que deve obcecar os homens.

O CHEFE DE POLÍCIA – Não funciona.

O ENVIADO *(Mostrando um negativo)* – O casaco vermelho do carrasco e seu machado. Propunha vermelho amarante e machado de aço.

A RAINHA *(Irritada)* – Salão Quatorze, dito Salão das Execuções Capitais. Já representado.

O JUIZ *(Amável para com o Chefe de Polícia)* – No entanto, o senhor é temido.

O CHEFE DE POLÍCIA – Receio que se tema, que se inveje um homem, mas... *(Procurando as palavras)* mas não uma ruga, por exemplo, um cacho de cabelos... ou um charuto... ou um chicote. A última imagem que me foi proposta... eu nem tenho coragem de contar.

O JUIZ – Era... muito ousada?

O CHEFE DE POLÍCIA – Muito. Demais. Nunca terei coragem de contar. *(De repente parece decidir-se)* Senhores, confio bastante em seu julgamento e em sua dedicação. Afinal, também eu quero continuar combatendo pela audácia das ideias. Aí está: aparecer sob a forma de falo gigante, de um caralho grande...

(As Três Figuras e a Rainha ficam consternados)

A RAINHA – Georges! Você?

O CHEFE DE POLÍCIA – Se devo simbolizar a nação e o seu bordel...

O ENVIADO *(À Rainha)* – Deixe, minha senhora. É a mentalidade da nossa época.

O JUIZ – Um falo? Grande? Quer dizer: gigante?

O CHEFE DE POLÍCIA – De meu tamanho.

O JUIZ – Mas é muito dificil de se fazer!

O ENVIADO – Nem tanto. As novas técnicas e nossa indústria de borracha permitiriam fabricações perfeitas. Não, não é isto que me preocupa e sim... *(Voltando-se para o Bispo)* ... o que pensaria a Igreja?

O BISPO *(Após reflexão, e dando de ombros)* – Nenhum pronunciamento pode ser feito esta noite. Sem dúvida a ideia é audaciosa *(Ao Chefe de Polícia)* mas se seu caso é desesperador, teremos de examinar a questão. A representação seria temível e se é desta forma que o senhor deve passar à posteridade...

O CHEFE DE POLÍCIA *(Suavemente)* – O senhor quer ver a maquete?

O JUIZ *(Ao Chefe de Polícia)* – O senhor não deve se impacientar. Nós esperamos dois mil anos para aperfeiçoarmos nossas personagens. Não perca a esperança...

O GENERAL *(Interrompendo-o)* – A glória se conquista nos combates. O senhor não passou por tantas Austerlitz quanto é necessário. Combata, ou então sente-se e espere os dois mil anos regulamentares.

(Todos riem)

A RAINHA *(Com violência)* – Os senhores estão pouco ligando para o sofrimento dele. Mas fui eu que lhes dei importância! Fui eu que os desencavei do quarto de meu bordel e os coloquei a serviço de sua glória. E vocês concordaram em servir.

(Uma pausa)

O BISPO *(Decidido)* – É aqui que a situação se complica: ou a senhora vai se servir do que representamos, ou então... *(Mostra as duas outras Figuras)* ... nós vamos fazer com que a

senhora sirva àquilo que nós representamos...

A RAINHA *(Encolerizando-se)* – Os senhores, impondo condições?! Fantoches, que não seriam nada sem as peles de coelho de que o senhor falou ainda há pouco. O senhor, um homem que obrigaram a dançar nu – pelado! – em praças públicas de Toledo e de Sevilha! e que dançou! Ao som de castanholas! Impondo condições, Monsenhor?

O BISPO – Naquele dia era preciso dançar. Quanto à pele de coelho, ela é o que deve ser – a imagem sagrada do arminho – possui a mesma força infalível.

O CHEFE DE POLÍCIA – Por enquanto.

O BISPO *(Exaltando-se)* – Justamente. Enquanto estávamos num quarto de bordel, pertencíamos a nossa própria fantasia: por havê-la exposto, por havê-la chamado, por havê-la publicado, nos ligamos aos seres humanos, nos ligamos a vocês e fomos forçados a continuar esta aventura segundo as leis da visibilidade.

O CHEFE DE POLÍCIA – Os senhores não têm nenhum poder. Somente eu...

O BISPO – Então voltaremos aos nossos quartos para continuar a procura de uma dignidade absoluta. Nós estávamos muito bem e foi o senhor que nos arrancou de lá. Éramos felizes. Uma situação de descanso absoluto: na paz, na doçura, por trás das persianas, por trás das cortinas acolchoadas, protegidos por mulheres atenciosas, protegidos por uma polícia que protege os bordéis, podíamos ser juiz, general, bispo, até à perfeição e até ao gozo! Deste estado adorável, sem infelicidade, o senhor nos arrancou brutalmente.

O GENERAL *(Interrompendo o Bispo)* – Minhas calças! Quando enfiava minhas calças, que felicidade! Agora, durmo com minhas calças de general, janto com minhas calças, danço – quando danço! – dentro de minhas calças, vivo em minhas calças de general. Sou general como se é bispo.

O JUIZ – Sou apenas uma dignidade representada por uma saia.

O GENERAL *(Ao Bispo)* – Não posso mais me preparar! – antigamente era com um mês de antecedência! – me preparar para enfiar minhas calças e minhas botas de general. Eu estou

metido nelas para toda a eternidade. Palavra de honra, eu não sonho mais.

O BISPO *(Ao Chefe de Policia)* – Está vendo, ele não sonha mais. A pureza ornamental, nossa luxuosa e estéril – e sublime – aparência foi corroída. Não mais será encontrada: assim seja. Mas o gosto desta doçura amarga da responsabilidade ficou conosco e nós o achamos agradável. Nossos quartos não são mais secretos. O senhor falava em dançar? O senhor recordou aquela noite famosa, quando despojado – ou pelado, escolha a palavra que quiser – de nossos ornamentos sacerdotais, tivemos de dançar nus pelas praças espanholas. Dancei, reconheço, com toda gente rindo de mim, mas, pelo menos, eu dançava. Enquanto que agora, se um dia tiver vontade, será preciso vir às escondidas até o Balcão, onde certamente haverá um quarto destinado aos prelados que quiserem ser bailarinos algumas horas por semana. Não, não... Vamos viver na luz, mas com tudo o que esta implica. Magistrado, soldado, prelado, agiremos a fim de reduzir cada vez mais nossos ornamentos! Vamos fazê-los funcionar! Mas para que sirvam, e sirvam a nós – já que é sua ordem que escolhemos para defender, é preciso que o senhor seja o primeiro a reconhecê-los e a prestar-lhes homenagem.

O CHEFE DE POLÍCIA *(Calmo)* – Não serei mais o centésimo milésimo reflexo de um espelho que se repete. Serei o Único. Serei o Único em quem centenas de milhares querem se confundir. Sem mim vocês estariam todos liquidados. E a expressão "li-qui-da-do" teria um sentido. *(Vai ganhar cada vez mais, autoridade)*

A RAINHA *(Ao Bispo, insinuante)* – O senhor está usando hoje esta roupa porque não conseguiu sair a tempo de meus salões. O senhor não conseguia se desprender de seus mil reflexos, mas a clientela está voltando... Ainda não há tumulto, mas Carmen registrou várias entradas... *(Ao Chefe de Polícia)* Não se deixe intimidar. Antes da revolta eles eram numerosos... *(Ao Bispo)* Se o senhor não tivesse tido a ideia abominável de mandar assassinar Chantal...

O BISPO *(Finge estar apavorado)* – Foi uma bala perdida!

A RAINHA – Bala perdida ou não, Chantal foi assassinada no Balcão, no MEU Balcão! Quando voltava aqui para me rever, para rever sua patroa...

O BISPO – Eu tive a presença de espírito de fazê-la uma de nossas santas.

O CHEFE DE POLÍCIA – Atitude tradicional. Reflexo de homem de igreja. Mas não devemos felicitá-lo por isso. Sua imagem pregada em nossa bandeira não tem mais nenhuma

torça. Me informaram até que Chantal foi condenada por suspeita de jogo duplo por aqueles que devia salvar...

A RAINHA *(Preocupada)* – Mas então, tudo recomeça!

(A partir deste momento a Rainha e o Chefe de Polícia parecerão muito agitados. A Rainha abre as cortinas de uma janela depois de tentar olhar a rua)

O ENVIADO – Tudo.

O GENERAL – Será preciso... voltar à carruagem? A lentidão da carruagem!

O BISPO – Se fiz com que Chantal fosse morta, depois canonizada, se fiz com que sua imagem fosse estampada na bandeira...

A RAINHA – É minha imagem que deveria estar ali...

O ENVIADO – A senhora já está nos salões, nas cédulas, nos carimbos dos comissariados.

O GENERAL – A lentidão da carruagem...

A RAINHA – Então, não serei nunca quem sou?

O ENVIADO – Nunca mais.

A RAINHA – Cada acontecimento de minha vida: meu sangue que goteja se me arranho?...

O ENVIADO – Para a senhora tudo está escrito com letra minúscula.

A RAINHA – Mas isto é a Morte...

O ENVIADO – Ela mesma.

O CHEFE DE POLÍCIA *(Repentinamente autoritário)* – É a Morte para vocês todos e é por isso que eu conto com vocês. Pelo menos enquanto eu não for representado. Porque depois, só terei de descansar. *(Inspirado)* Com uma súbita fraqueza dos músculos, saberei que minha imagem se desprende de mim para obcecar os homens. É porque o meu fim visível estará próximo. Por enquanto, se é preciso agir... *(Ao Bispo)* quem vai assumir as verdadeiras responsabilidades? O senhor? *(Dá de ombros)* Sejam lógicos: se os senhores são o que são, juiz, general, bispo, é porque assim o desejaram e desejaram também que todos soubessem. E fizeram tudo que era necessário para consegui-lo e se tornaram o centro das atenções. Não é isto?

O JUIZ – Mais ou menos.

O CHEFE DE POLÍCIA – Isso quer dizer que os senhores nunca praticaram um ato pelo próprio ato mas sempre para que este ato, ligado a outro, criasse um bispo, um juiz, um general...

O BISPO – É verdadeiro e é falso. Pois cada ato continha em si seu fermento de novidade.

O JUIZ – Adquiríamos uma dignidade mais grave.

O CHEFE DE POLÍCIA – Sem dúvida, senhor Juiz; mas esta dignidade, que se tomou tão desumana quanto um cristal, tomou-o também inadequado para governar os homens. Acima do senhor, mais sublime que o senhor, existe a Rainha. É dela que, por enquanto, o senhor retira seu poder e seu direito. Acima dela – e com o qual ela se relaciona – está nosso estandarte onde mandei estampar a imagem de Chantal vitoriosa, nossa santa.

O BISPO *(Agressivo)* – Acima de Sua Majestade, que veneramos, e de sua bandeira existe Deus, que fala por minha voz.

O CHEFE DE POLÍCIA *(Irritado)* – E acima de Deus? *(Silêncio)* Então, acima de Deus estão vocês, e Deus sem vocês não seria nada... Mas acima de vocês estou eu, e sem mim...

O JUIZ – E o povo? Os fotógrafos?

O CHEFE DE POLÍCIA – Ajoelhados diante do povo que está ajoelhado diante de Deus. Logo... *(Todos morrem de rir)* É por isso que eu quero que vocês me sirvam. Mas ainda há pouco vocês falavam muito... Devo então homenagear tanta eloquência, tanta facilidade de expressão, a clareza de seu timbre, a potência de seu órgão. Quanto a mim, sou um simples homem de ação, minhas palavras e minhas ideias me atrapalham quando não são imediatamente aplicadas. Por isso, eu me pergunto se mando vocês de volta para o canil. Mas não mandarei. Pelo menos agora, porque... nele vocês já estão.

O GENERAL – Meu senhor!

O CHEFE DE POLÍCIA *(Empurra o General que dá uma cambalhota e fica sentado no chão, pasmo)* – Deitado! Deitado, meu General!

O JUIZ – Minha saia pode levantar...

O CHEFE DE POLÍCIA *(Empurra o Juiz que dá uma cambalhota)* – Deitado! Já que o senhor quer ser reconhecido como juiz, quer sê-lo de acordo com minhas ideias? E de acordo com o sentido geral que é próprio de suas dignidades? Muito bem! Dentro deste meu programa, posso lhes render homenagens cada vez maiores... Sim ou não? *(Ninguém responde)* E então? Sim ou não?

(O Bispo afasta-se com prudência)

A RAINHA *(Melíflua)* – Desculpem se ele fica exaltado. Eu sei muito bem o que vinham procurar em minha casa: o senhor, Eminência, através de caminhos rápidos, decisivos, uma santidade evidente. O ouro de minhas casulas pouco importava, sei disso. Não foi uma grosseira ambição que o trouxe para trás das minhas persianas fechadas. O Amor por Deus encontrava-se escondido. Eu sei. O senhor, Meritíssimo, o senhor era guiado por uma preocupação de justiça, era a imagem de um justiceiro que o senhor queria ver refletida, mil vezes nos meus espelhos. E o senhor, senhor General, era a glória militar, era a coragem e o ato heroico que o obcecavam. Então, entreguem-se, suavemente, sem muitos escrúpulos...

(Um após outro, os três homens deixaram escapar um imenso suspiro)

O CHEFE DE POLÍCIA – É um alívio, não é? Na verdade, vocês nunca quiseram sair de

vocês mesmos e comunicar-se com o mundo, nem mesmo através de atos de perversidade. Eu os compreendo. *(Amigável)* Meu personagem, infelizmente, se encontra ainda em movimento. Como vocês sabem, não pertence à nomenclatura dos bordéis.

A RAINHA – Não está no guia cor-de-rosa.

O CHEFE DE POLÍCIA – Sim, no guia cor-de-rosa. *(Às Três Figuras)* Então, meus senhores, não têm piedade do pobre homem que sou? *(Olha-os um a um)* Então, meus senhores, seus corações são de pedra? Estes salões e estes Ritos famosos foram aperfeiçoados para os senhores, através de requintadas tentativas. Foi preciso um longo trabalho, uma infinita paciência, e os senhores querem voltar à luz do dia? *(Quase humildemente e parecendo repentinamente fatigado)* Esperem ainda um pouco. Por enquanto, ainda estou assoberbado de atos futuros, assoberbado de ações... mas logo que me sinta multiplicado infinitamente, então... então, perdendo a minha rigidez, irei apodrecer nas consciências. E os senhores, então, ponham suas saias, se quiserem, e voltem para o batente. *(Ao Bispo)* O senhor não diz nada... *(Um longo silêncio)* O senhor tem razão... Aguardemos em silêncio... *(Um longo e pesado silêncio)* ... talvez seja agora... *(em voz baixa e humilde)* que se prepara a minha apoteose...

(Todos esperam, é visível. A seguir, como que, furtivamente, pela porta da esquerda, surge Carmen. Quem a vê primeiro é o Enviado que a mostra silenciosamente à Rainha. A Rainha faz sinal a Carmen para que se retire, mas Carmen, sem obedecer, avança)

A RAINHA *(Em voz baixa)* – Havia proibido que nos incomodassem. Que é que você quer?

(Carmen aproxima-se)

CARMEN – Quis tocar a campainha, mas os dispositivos não funcionam. Desculpe. Preciso falar com a senhora.

A RAINHA – Então, fale, decida-se.

CARMEN *(Hesitando)* – É que... não sei se...

A RAINHA *(Resignada)* – Faça como se faz na corte: falemos baixo.

(Estende ostensivamente o ouvido para Carmen que se debruça e murmura algumas palavras. A Rainha parece muito transtornada)

A RAINHA – Tem certeza?

CARMEN – Sim, senhora.

(A Rainha sai precipitadamente pela esquerda, seguida de Carmen. O Chefe de Policia quer acompanhá-las, mas o Enviado interfere)

O ENVIADO – Nunca se deve seguir Sua Majestade.

O CHEFE DE POLÍCIA – Mas, que está acontecendo? Para onde vai?

O ENVIADO *(Irônico)* – Bordar. A Rainha borda e não borda... Conhece o refrão? A Rainha alcança sua realidade quando se afasta, se ausenta ou morre.

O CHEFE DE POLÍCIA – E lá fora, que está acontecendo? *(Ao Juiz)* O senhor tem notícias?

O JUIZ – O que o senhor chama de fora é tão misterioso para nós quanto nós somos para os de fora.

O BISPO – Procurarei transmitir a desolação deste povo que ao se revoltar acreditava estar-se libertando. Infelizmente – ou melhor, graças ao céu! – nunca haverá movimento bastante poderoso para destruir nossa fábrica de imagens.

O CHEFE DE POLÍCIA *(Quase trêmulo)* – O senhor acha que posso ter uma chance?

O BISPO – Sua situação nunca foi tão boa. Há consternação por toda parte, em todas as famílias, em todas as instituições. Os homens tremeram tanto que sua imagem começa a fazê-los duvidar deles mesmos.

O CHEFE DE POLÍCIA – Então sou eu a única esperança?

O BISPO – Eles só têm esperança em um naufrágio definitivo.

O CHEFE DE POLÍCIA – É como se eu fosse um lago, onde eles viriam se mirar?

O GENERAL *(Encantado e rindo muito)* – E se eles se debruçarem demais, caem e se afogam. Em pouco tempo, o senhor estará cheio de afogados! *(Ninguém parece compartilhar de sua alegria)* Enfim... eles ainda não estão à beira!... *(Incomodado)* Vamos esperar.

(Pausa)

O CHEFE DE POLÍCIA – O senhor pensa realmente que o povo tinha uma grande esperança? E que perdendo toda esperança perderia tudo? E que perdendo tudo virá perder-se em mim?...

O BISPO – Isto bem que pode acontecer. É contra nossa vontade, pode crer.

O CHEFE DE POLÍCIA – Quando esta consagração definitiva me for concedida...

O ENVIADO *(Irônico)* – Para o senhor, somente para o senhor, durante um segundo, a Terra vai parar.

(De repente a porta da esquerda se abre e surge a Rainha resplandecente)

A RAINHA – Georges! *(Joga-se nos braços do Chefe de Polícia)*

O CHEFE DE POLICIA *(Incrédulo)* – Não é verdade! *(A Rainha faz com a cabeça o sinal de "sim")* Mas, onde? ... Quando?

A RAINHA *(Muito comovida)* – Lá!... Agora... no salão...

O CHEFE DE POLÍCIA – Você está zombando de mim, não ouvi nada... *(Repentinamente um enorme toque de campainha, uma espécie de carrilhão)* Então, é verdade? É para mim?

(Afasta a Rainha e, solene, quando a campainha cessa) Senhores, agora pertenço à Nomenclatura! *(À Rainha)* Tem certeza mesmo?

(A campainha torna a tocar, depois para)

A RAINHA – Fui eu quem o recebeu e quem o introduziu no Salão Mausoléu. O que construíamos em sua homenagem. Deixei Carmen fazendo os preparativos e corri para prevenilo. Estou toda molhada...

(A campainha torna a tocar, depois para)

O BISPO *(Sombrio)* – Estamos perdidos.

O CHEFE DE POLÍCIA – As máquinas estão funcionando. Pode-se assistir... *(Dirige-se para a esquerda, seguido da Rainha)*

O ENVIADO – Isto não se faz... É sujeira...

O CHEFE DE POLÍCIA *(Dando de ombros)* – Como é que funciona? *(Para a Rainha)* Vamos olhar juntos.

(Coloca-se à esquerda, em frente a uma pequena vigia. Depois de uma breve hesitação, o Juiz, o General e o Bispo colocam-se à direita, noutra vigia, simétrica à primeira. Depois, muito silenciosamente, o duplo que forma o fundo da cena se afasta e mostra o interior do Salão Especial. Resignado, por sua vez, o Enviado vai se colocar perto da Rainha e do Chefe de Policia)

DESCRIÇÃO DO SALÃO MAUSOLÉU

Algo como o interior de uma torre – ou de um poço. As pedras da parede, circular, são visíveis. Uma escada, ao fundo. No centro deste poço parece haver um outro, onde começa uma escada. Nas paredes, quatro coroas de louro, ornadas com um crepe. Quando o painel se afasta, Roger está descendo a escada. Carmen parece guiá-lo. Roger está vestido como o

Chefe de Polícia, mas caminha sobre as mesmas andas das Três Figuras, parecendo mais alto. Seus ombros ampliados. Desce a escada ao som de um tambor que dá ritmo à sua descida.

CARMEN *(Aproximando-se e entregando-lhe um charuto)* – Oferta da casa.

ROGER *(Põe o charuto na boca)* – Obrigado.

CARMEN *(Intervindo)* – Ali, o fogo. Aqui, a boca. *(Vira o charuto no sentido certo)* É seu primeiro charuto?

ROGER – É. *(Pausa)* Não estou pedindo sua opinião. Você para me servir. Paguei...

CARMEN – Desculpe.

ROGER – E o escravo?

CARMEN – Está sendo desamarrado.

ROGER – Ele sabe de que se trata?

CARMEN – Sabe de tudo. O senhor é o primeiro, está inaugurando este salão, mas o senhor sabe, os cenários são todos adaptáveis a um tema principal...

ROGER – E qual é?

CARMEN – A morte.

ROGER *(Tocando as paredes)* – Isto então é um túmulo?

CARMEN *(Corrigindo)* – Mausoléu.

ROGER – Quantos escravos trabalham aqui?

CARMEN – Todo o povo, meu senhor. Uma metade da população, à noite, a outra, durante o dia. Como o senhor pediu, toda a montanha será trabalhada. O interior terá a complexidade de um ninho de cupins ou da basílica de Lourdes, ainda não sabemos. De fora não se verá nada. Se saberá apenas que a montanha é sagrada, mas dentro, os túmulos já se encaixam nos túmulos, os cenotáfios nos cenotáfios, os caixões nos caixões, as urnas...

ROGER – E aqui, onde estou?

CARMEN *(Com um gesto de desdém)* – Numa antecâmara. Uma antecâmara que se chama Vale de los Caídos. *(Sobe a escada subterrânea)* Daqui a pouco, o senhor descerá ainda mais.

ROGER – Será que não verei mais a luz do dia?

CARMEN – Mas... o senhor ainda quer?

(Pausa)

ROGER – É verdade que ninguém esteve aqui antes de mim?

CARMEN – Neste... túmulo, ou neste... salão?

(Pausa)

ROGER – Está tudo pronto? Meu terno? Minha peruca?

(Junto a sua vigia o Chefe de Polícia volta-se para a Rainha)

O CHEFE DE POLÍCIA – Ele sabia que eu uso peruca?

O BISPO *(Com riso de mofa, ao Juiz e ao General)* – Ele é o único que não sabe o que todo mundo já sabe.

CARMEN *(Para Roger)* – Tudo foi planejado há muito tempo. Tudo está em ordem. O resto é com o senhor.

ROGER *(Preocupado)* – Sabe, eu também estou procurando. É preciso que eu tenha uma ideia de Herói. Ele quase nunca aparecia em público.

CARMEN – Foi por isso que o trouxemos ao Salão do Mausoléu. Aqui, não é possível cometer muitos erros, nem dar asas à imaginação.

(Pausa)

ROGER – Ficarei sozinho?

CARMEN – Está tudo calafetado. As portas estão forradas, as paredes também.

ROGER *(Hesitando)* – E... o mausoléu?

CARMEN *(Com força)* – Talhado na rocha. A prova está na água que escorre das paredes. Quanto ao silêncio, é mortal. Quanto à luz, a escuridão é tão completa que seus olhos desenvolvem qualidades extraordinárias. O frio? Sim, o frio da morte. Tem sido um trabalho gigantesco escavar a montanha. Os homens gemendo para cavar o seu nicho de granito. Isso é a prova de que o senhor amado e que é um vencedor.

ROGER – Gemendo? Será que... será que eu poderei ouvir os gemidos?

(Ela se volta para um buraco cavado ao pé da muralha e de onde sai a cabeça do Mendigo, o que vimos no Oitavo Quadro. Agora é o Escravo)

CARMEN – Aproxime-se!

(O Escravo entra rastejando)

ROGER *(Observando o Escravo)* – É isto?

CARMEN – Belo, não? É magro, tem piolhos e feridas. Sonha em morrer pelo senhor. Agora, vou deixá-lo sozinho.

ROGER – Com ele? Não, não. *(Pausa)* Fique. As coisas sempre acontecem na frente de uma mulher. É para que o rosto de uma mulher seja testemunho que, sempre... *(De repente ouve-se um barulho de martelo batendo numa bigorna, depois um galo cantando)* A vida está tão perto assim?

CARMEN *(Voz normal, não representada)* – Já lhe disse, tudo está calafetado, mas os ruídos conseguem sempre se infiltrar. Isto lhe incomoda? A vida recomeça pouco a pouco... como antes...

ROGER *(Parece preocupado)* – Sim, como antes...

CARMEN *(Com doçura)* – O senhor era...

ROGER *(Muito triste)* – Sim. Está tudo perdido... E o mais triste é que se diz: "a revolta foi bela!"

CARMEN – Não deve pensar mais nisso. E nem ouvir os ruídos de fora. Aliás, está chovendo. Toda a montanha foi varrida por um furacão. *(Voz representada)* Aqui, o senhor está em casa. *(Apontando o Escravo)* Faça-o falar.

ROGER *(Muito triste)* – Então você sabe falar? E o que mais?

O ESCRAVO *(Deitado de bruços)* – Primeiro sei me curvar, depois, me encolher um pouco mais. *(Segura o pé de Roger e coloca-o sobre suas próprias costas)* Assim!... e até...

ROGER *(Impaciente)* – E até?

O ESCRAVO – Me afundar, se for possível.

ROGER *(Tirando baforadas de seu charuto)* – Afundar-se, de verdade? Mas não há lama...

A RAINHA *(Falando a uma personagem ausente)* – Ele tem razão. Deveríamos ter providenciado a lama. Em uma casa bem organizada... Mas como é dia da estreia e ele está inaugurando o Salão...

O ESCRAVO *(Para Roger)* – Sinto a lama em volta de meu corpo. Tenho-a por todo o corpo, menos em minha boca, aberta para cantar elogios ao senhor, soltar esses gemidos que me tornaram célebre.

ROGER – Célebre, você é célebre, você?

O ESCRAVO – Célebre por meus cantos, meu senhor, os cantos que celebram sua glória.

ROGER – Então sua glória acompanha a minha *(Para Carmen)* Ele quer dizer que minha reputação depende de suas palavras? E... quando se calar, deixo de existir?...

CARMEN *(Seca)* – Gostaria de responder-lhe, mas o senhor faz perguntas que não estão previstas no roteiro.

ROGER *(Ao Escravo)* – E quem canta você?

O ESCRAVO – Ninguém. Estou morrendo.

ROGER – Mas sem mim, sem meu amor, sem minhas lágrimas e sem meu sangue, que seria você?

O ESCRAVO – Nada.

ROGER *(Ao Escravo)* – Você canta. E o que mais?

O ESCRAVO – Fazemos todo o possível para sermos cada vez mais indignos do senhor.

ROGER – O que, por exemplo?

O ESCRAVO – Nos esforçamos para apodrecer de pé. E nem sempre é fácil, acredite. A vida tenta ser a mais forte... Mas aguentamos bem. Encolhemos um pouco mais cada...

ROGER – Dia?

O ESCRAVO – Semana.

O CHEFE DE POLÍCIA *(Falando a uma personagem ausente)* – Não basta. Com um pouco de esforço...

O ENVIADO *(Ao Chefe de Polícia)* – Silêncio. Deixe que eles representem até o final...

ROGER – Não basta. Com um pouco de esforço...

O ESCRAVO *(Exaltado)* – Com alegria, Excelência. O senhor é tão belo! Tão belo que eu não sei se é um esplendor ou a sombra de todas as noites...

ROGER – Que diferença faz, se não tenho outra realidade que a realidade de suas frases?

O ESCRAVO *(Arrastando-se em direção à escada de cima)* – O senhor não tem boca, nem olhos, nem ouvidos. O senhor é como uma boca que troveja e, ao mesmo tempo, um olho que ameaça e que vigia...

ROGER – Você vê, mas, e os outros, sabem disso? A noite sabe? A morte sabe? E as pedras? Que dizem as pedras?

O ESCRAVO *(Sempre se arrastando, começa a galgar a escada)* – As pedras dizem...

ROGER – Então, fale...

O ESCRAVO *(Parando de rastejar, voltado para o público)* – O cimento que nos mantém unidos para formar o seu túmulo...

O CHEFE DE POLÍCIA *(Voltado para o público e batendo no peito, feliz)* – As pedras falam de mim...

O ESCRAVO *(Continuando)* – ... o cimento é feito de lágrimas, de escarro e de sangue. Pousados sobre nós, os olhos e as mãos dos pedreiros nos colaram com desgosto. Pertencemos a ti e somente a ti.

ROGER *(Exaltando-se cada vez mais)* – Tudo fala de mim! Tudo respira e tudo me adora! Minha estória foi vivida a fim de que uma página gloriosa fosse escrita e depois lida. O que importa é a leitura. *(De repente, percebendo que o Escravo desapareceu, diz a Carmen)* Mas... para onde foi? ... Onde está?

CARMEN – Foi cantar. Voltou à luz do dia. Ele dirá... que carregou seus passos... e que...

ROGER *(Preocupado)* – Sim, e... o que mais?

CARMEN – A verdade: que o senhor está morto, ou melhor, que o senhor não para de morrer e que sua imagem, como seu nome, repercute ao infinito.

ROGER – Ele sabe que minha imagem está em toda parte?

CARMEN – Inscrita, gravada, imposta pelo medo, está em toda parte.

ROGER – Nas mãos dos estivadores? Nas brincadeiras das crianças? Nos dentes dos soldados? Na guerra?

CARMEN – Em toda parte.

O CHEFE DE POLÍCIA *(Falando para uma personagem ausente)* – Então, consegui?

A RAINHA *(Enternecida)* – Está feliz?

O CHEFE DE POLÍCIA – Você trabalhou bem. Sua casa agora está completa.

ROGER *(A Carmen)* – Está nas prisões? Está nas rugas dos velhos?

CARMEN – Está.

ROGER – Na curva dos caminhos?

CARMEN – Não se deve querer o impossível. *(Mesmo barulho de há pouco: o galo e a bigorna)* Meu senhor, está na hora de partir. A sessão terminou. Para sair, tome a esquerda. O corredor... *(Ouve-se ainda o barulho da bigorna, um pouco mais forte)* Está ouvindo? É preciso voltar... Que está fazendo?

ROGER – A vida está perto... ao mesmo tempo longe. Aqui, todas as mulheres são belas... A sua função é puramente ornamental. Nelas, a gente pode se perder...

CARMEN *(Seca)* – Sim. Na linguagem corrente nós somos chamadas de putas. Mas é preciso voltar...

ROGER – Para onde? Para o mundo? Retomar, como se diz, minhas funções...

CARMEN *(Um pouco preocupada)* – Não sei o que o senhor faz e não tenho o direito de me informar. Mas o senhor tem de partir. J á passou da hora.

(O barulho da bigorna e outros barulhos indicam uma atividade: estalar de chibata,

barulho de motor, etc.)

ROGER – Nesta casa tudo é muito apressado. Por que devo voltar para o lugar de onde vim?

CARMEN – O senhor não tem mais nada a fazer...

ROGER – Lá? Não. Mais nada. E aqui tampouco. E lá fora, no que você chama de vida, tudo está perdido. Nenhuma verdade era possível... Você conhecia Chantal?

CARMEN *(Subitamente assustada)* – Saia! Vá-se embora!

A RAINHA *(Irritada)* – Não permito que se faça bagunça nos meus salões! Quem foi que mandou este sujeito? Sempre que há tumulto os gatunos aparecem. Eu espero que Carmen...

CARMEN *(Para Roger)* – Saia! O senhor não tem o direito de me fazer perguntas. O senhor sabe que os bordéis são regidos por um regulamento muito rígido e que a polícia nos protege.

ROGER – Não! Já que estou representando de Chefe de Polícia, e como você me autorizou a fazê-lo aqui...

CARMEN *(Puxando-o)* – Está louco! E não seria o primeiro a acreditar que chegou ao poder... Venha!

ROGER *(Livrando-se)* – Se o bordel existe e se tenho direito de vir aqui, tenho também o direito de levar a personagem que escolhi até o fim de seu destino... não, do meu... de confundir o seu destino com o meu...

CARMEN – Não grite, todos os salões estão ocupados. Venha...

ROGER – Nada, não me resta mais nada! Mas também para o Herói vai sobrar muito pouco...

(Carmen tenta fazê-lo sair. Abre uma porta, depois outra depois outra... engana-se... Roger puxou uma faca e, de costas para o público, faz o gesto de castrar)

A RAINHA – Nos meus tapetes! Na minha passadeira nova! É um louco!

CARMEN *(Gritando)* – Fazer isto aqui!... *(Grita)* Madame! Madame Irma!

(Finalmente, Carmen consegue levar Roger. A Rainha sai correndo. Todas as personagens: o Chefe de Polícia, o Enviado, o Juiz, o General, o Bispo voltam-se abandonando as vigias. O Chefe de Polícia caminha para o meio do palco)

O CHEFE DE POLÍCIA – Bem representado. Acreditou que me possuía. *(Leva a mão à braguilha, sopesa muito declaradamente seus testículos e, muito tranquilizado, solta um suspiro)* Os meus estão aqui. Então, quem está liquidado? Ele ou eu? E se em cada bordel do mundo inteiro minha imagem fosse castrada, eu, eu permaneceria intacto. Intacto, senhores. *(Pausa)* Este bombeiro não sabia representar, é isso. *(Chama, alegre)* Irma! Irma! ... Aonde é que ela está? Não é ela que tem de fazer os curativos.

A RAINHA *(Entrando)* – Georges! A entrada!... Os tapetes estão cobertos de sangue ... a entrada está cheia de clientes... Estão limpando como podem. Carmen não sabe mais onde pôr tanta gente...

O ENVIADO *(Inclinando-se diante do Chefe de Polícia)* – Belo trabalho.

O CHEFE DE POLÍCIA – Minha imagem vai se perpetuar em segredo. Mutilada? *(Dá de ombros)* Uma missa fúnebre vai ser rezada à minha glória. Que avisem as cozinhas! Que me mandem comida para dois mil anos!

A RAINHA – E eu? Georges! Mas eu ainda estou viva!...

O CHEFE DE POLÍCIA *(Sem ouvi-la)* – Então... Estou... Onde? Aqui ou... mil vezes lá? *(Mostra o túmulo)* Agora poderei ser bom... e devoto... e justo... Vocês viram? Vocês me viram? Lá, ainda há pouco, maior que um gigante, mais forte que forte, mais morto que morto? Agora, não tenho mais nada com vocês.

A RAINHA – Georges! Mas eu ainda te amo!

O CHEFE DE POLÍCIA *(Dirigindo-se ao túmulo)* – Conquistei o direito de me sentar e de esperar dois mil anos. *(Para os fotógrafos)* Vocês, olhem bem para mim: viver e morrer. Para a posteridade: fogo! *(Três clarões quase simultâneos de magnésio)* Venci!

(Entra no túmulo, recuando muito lentamente, enquanto os três fotógrafos saem pela esquerda, desenvoltos, as máquinas nos ombros. Acenam com a mão, antes de desaparecerem)

A RAINHA – Mas fui eu que fiz tudo, organizei tudo... Fique... O que é que... *(De repente, crepitar de metralhadoras)* Você está ouvindo?

O CHEFE DE POLÍCIA *(Morrendo de rir)* – Pensem em mim!

(O Juiz e o General precipitam-se para segurá-lo, mas as portas começam a fechar-se enquanto o Chefe de Polícia desce os primeiros degraus. Um segundo crepitar de metralhadoras)

O JUIZ *(Agarrando-se à porta)* – Não nos deixe sozinhos!

O GENERAL *(Melancólico)* – A carruagem, outra vez!

O ENVIADO *(Ao Juiz)* – Tire os dedos, vai ficar imprensado.

(A porta se fecha, definitivamente. As personagens que ficaram permanecem atônitas por um momento. Um terceiro crepitar de metralhadoras)

A RAINHA – Os senhores estão livres...

O BISPO – Mas... em plena noite?

A RAINHA *(Interrompendo-o)* – Os senhores sairão pela porta que dá no beco. Um carro está esperando. *(Cumprimenta com um sinal de cabeça. As Três Figuras saem pela direita. Um quarto crepitar de metralhadoras)* Quem é?... São nossos... ou os revoltosos?... ou?...

O ENVIADO – Alguém que sonha, Madame...

(A Rainha vai a diferentes pontos do quarto, apagando as luzes)

A RAINHA *(Continuando a apagar as luzes)* – ... Irma. Diga Madame Irma, e volte para casa. Boa noite, meu senhor.

O ENVIADO – Boa noite, Madame Irma. *(Sai)*

IRMA *(Sozinha, e continuando a apagar as luzes)* – Foi preciso tanta luz... mil francos de eletricidade por dia! ... Trinta e oito salões! ... Todos dourados, e todos com uma maquinaria capaz de encaixar uns nos outros, de conjugá-los... E todas estas representações para que eu fique sozinha, dona e assistente desta casa e de mim mesma... *(Apaga uma luz, mas volta a acendê-la)* Ah, não, isto é o túmulo, ele precisa de luz para dois mil anos! ... E dois mil anos de comida... *(Dá de ombros)* Enfim, tudo está bem organizado e os pratos estão preparados: a glória está em descer ao túmulo com toneladas de víveres!... *(Chama, voltada para os bastidores)* Carmen? ... Carmen? ... Tranque as portas, meu bem, e cubra os móveis... *(Continua apagando)* Daqui a pouco, será preciso recomeçar... acender tudo de novo... vestir-se... *(Ouve o canto do galo)* vestir-se... ah, as fantasias! Redistribuir os papéis... assumir o meu... *(Para no meio do palco, de frente para o público)* ... preparar o de vocês... juízes, generais, bispos, camareiros, revoltosos que deixam a revolta congelar, vou preparar meus trajes e meus salões para amanhã... é preciso voltar para casa onde tudo, não duvidem, será ainda mais falso que aqui... Agora, saiam... Passem à direita, pelo beco... *(Apaga uma última luz)* Já é de manhã.

(Crepitar de metralhadoras)

FIM